

n.º3 | Dezembro 2023

EQUINÓCIO

Revista da Grande Loja Simbólica de Portugal

Diálogo

Brenno Ambrosini em pessoa
Grande Chanceler da GLSE

Marina Jorge, o papel da Maçonaria Mista
Grã Mestre da GLSL

Mozart em diálogo,
Uma conversa com **Carlos Otero**

EQUINÓCIO



GRANDE LOJA
SIMBÓLICA DE PORTUGAL
MAÇONARIA PORTUGUESA

nº 3 .! Dezembro 2023

A large, light blue triangle is positioned at the bottom of the page. Centered within the triangle is a large, bold, yellow letter 'G'.

Equinócio – Revista da Grande Loja Simbólica de Portugal

Nº 3

Lisboa, 16 de Dezembro de 2023

Copyright 2023 ©

Grande Loja Simbólica de Portugal

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida ou transmitida em qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer armazenamento de informação, e sistema de cópia, sem permissão escrita do editor.

Todos os direitos desta edição reservados à

GRANDE LOJA SIMBÓLICA DE PORTUGAL

Contactos:

equinocio@grandelojasimbolicaportugal.com

www.grandelojasimbolicaportugal.com

FICHA TÉCNICA

Coordenação: Daniel Boone / Liszt

Design & Paginação: R G / P F

Tema de Capa: Diálogo, “Rotunda das Cadeiras” – Monumento

“Liberdade, Diálogo e Democracia” – Lagos, Portugal

Capa: R G

Fotos: Liszt

Textos: Álvaro Thomaz, Brenno Ambrosini, Carlos Otero, Daniel Boone,

Gualdim Pais, Liszt, Marina Jorge, Nicolas Flamel, Rui Gomes, RN

Edição e adaptação: Liszt



Índice

Editorial6

materia prima do Diálogo, Liszt

“Em pessoa” 8

Uma grande entrevista com Brenno Ambrosini, Grande Chanceler da Grande Loja Simbólica de Espanha, que nos explica como a Maçonaria surgiu e depois influenciou toda a sua vida, na qual nos mostra que a Maçonaria é transformação permanente de cada Maçon, permitindo ligar em diálogo pessoas dos mais diversos quadrantes, nações e origens.

BI Maçónico: Brenno Ambrosini

“Em pessoa” 14

Em discurso directo com Marina Jorge, M.º R.º G.º M.º da Grande Loja Simbólica da Lusitânia. Nesta breve troca de ideias com a Equinócio Marina Jorge mostra-nos as razões da forte ligação entre esta Obediência e a Grande Loja Simbólica de Portugal, e traça também uma perspectiva sobre os rumos definidos e as metas a atingir futuramente por esta Obediência irmã.

“Papyrus” 16

Pranchas seleccionadas

“Em conversa com Mozart”, de Carlos Otero 16

“As Chaves Perdidas ou a arte de Religar”, de Álvaro Thomaz 22

γνώθι σεαυτόν (Conhece-te a ti mesmo) 26

Pranchas sobre temas maçónicos e aprendizagem

“Do Potencial à Verdade”, RN 26

“A palavra circula!” Textos de opinião..... 29

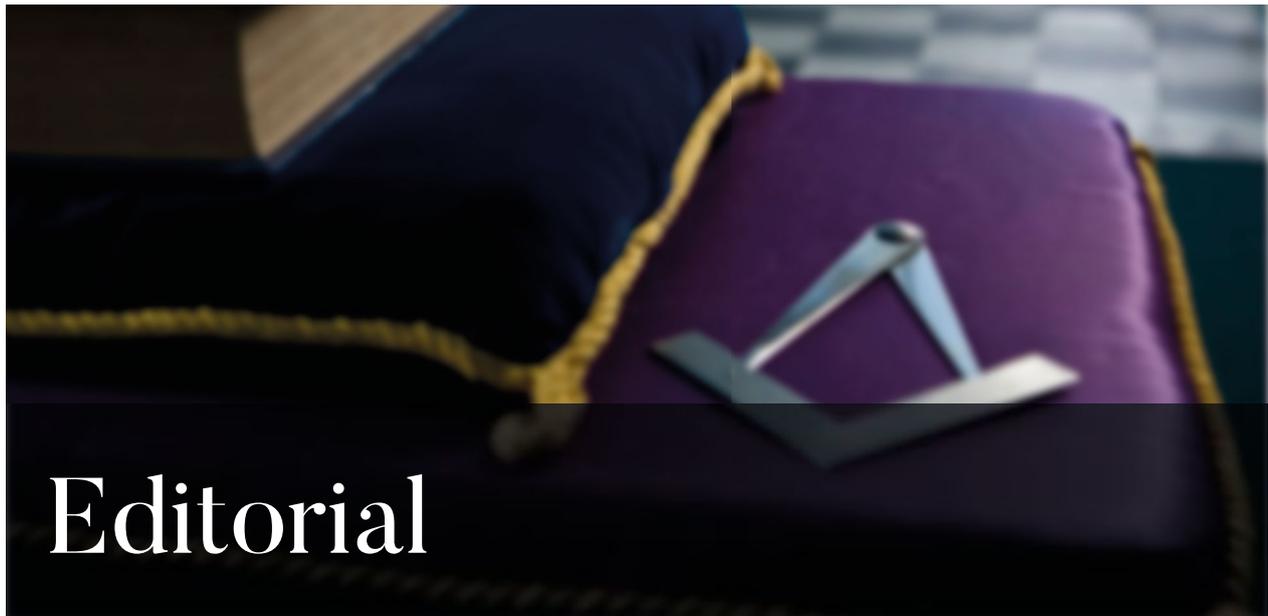
“Construir a Paz, uma Visão pela Maçonaria Liberal e Adogmática”, de Nicolas Flamel.....29

“Diálogo e cooperação”, de Gualdim Pais 31

“O que pode a Franco-maçonaria fazer perante as alterações climáticas?”,
de Daniel Bonne..... 33

“Ágape” 38

“De como Abu Bakar Rouaff perfumou o nariz de Hadiq” – Parte III, Liszt 38



Editorial

materia prima do Diálogo

Nestes dias incertos, soprando ventos furiosos de destruição:

Dai-nos uma Praça de gente madura. Gente que escute com a atenção que se presta aos outros que se ama.

Dai-nos a gente que procura sentido, mas que não ande à procura de aprovação. Gente que dispense aplauso e fama.

Dai-nos gente que saiba tornar o serviço aos outros no seu maior desígnio. Gente que faça bem feito e que siga aperfeiçoando a arte.

Dai-nos aqueles que mesmo quando a frescura juvenil já se tenha ido, conserve o brilho nos olhos. Gente de coração cheio de vida, mesmo em face da morte. Com a Alma cheia de ouro mesmo que o corpo se arraste na lama.

Dai-nos gente que se detenha com uma gota de orvalho nas pétalas de uma rosa.

Dai-nos gente briosa, mesmo em trajes andrajosos. Dai-nos gente pura de virtude e com o perfume doce da Verdade.

Dai-nos a Ágora onde esteja a gente que espera mais e melhor. Pessoas que não se importem de ser o "Sal da Terra". Gente

que não aceite chão duro e estéril e sempre traga sementes para brotar em qualquer deserto.

Dai-nos uma praça de gente madura e que se agigante perante o difícil. Que cresça até tornar possível o que era inimaginável.

Dai-nos um círculo de gente sensata. Dai-nos a possibilidade de um sorriso que possa passar de boca em boca, um selo inquebrável que une e não separa.

Dai-nos uma praça de gente unida, forte. Irmãos sem batalhas, sem ser de sangue. Dai-nos um Fórum de pessoas que seja capaz de medrar ideias e levá-las até ao outro lado da rua, por todas as ruas do Mundo. Dai-nos gente que esteja disposta a fazer esse caminho.

Dai-nos um bom punhado de gente que, já cansada, ainda possa levantar quem caiu. Mesmo triste se possa compadecer. Que sejam exemplo.

Dai-nos olhos francos que nos olhem e compreendam. Dai-nos braços que nos apertem e que amparem.

Dai-nos lábios cujas palavras sejam de amor. Dai-nos palavras que tenham o sa-

bor da família humana tão vasta e diversa. Dai-nos gente que aproxime e nunca afaste. Dai-nos gente que não saiba ferir, mas consiga curar. Dai-nos gente que faça guerra à violência e ao ódio e que professe a religião da amizade.

Dai-nos uma praça de gente madura que saiba unir-se em torno de algo maior.

Dai-nos a Assembleia da liberdade onde todos são iguais, onde todos se olham sendo iguais.

Dai-nos uma Paz que se constrói, agora, neste Mundo. Dai-nos a certeza que o paraíso é aqui no sorriso dos nossos filhos e que é por isso que temos de ser irmãos e cuidar uns dos outros.

Dai-nos a abundância de partilhar o que temos. Dai-nos a inteligência de não fechar as portas, ou cerrar as fronteiras. Dai-nos ideais puros e simples para cerrarmos fileiras em torno deles.

Dai-nos trabalho a fazer. Dai-nos tempo para pensar. Dai-nos coragem para continuar a defender os mais fracos da violência quer ela seja dirigida à mente, ao corpo ou à alma, sem distinção de Raça,

Cor, Religião ou Nação.

Como prometido.

Dai-nos sabedoria para saber usar os frutos do conhecimento e para calar o que não possa ser conhecido.

Dai-nos uma praça de gente com Esperança, pois nela acenderemos mil fogos que não mais se extinguem.

Dai-nos perseverança e curiosidade, como às crianças é dada quando nascem e dai-nos alento para enfrentar a certeza da ignorância na velhice.

Dai-nos, de todos, a mão quando morrermos. Dai-nos a cintilante estrela da manhã por muitos dias. Dai-nos o calor do Sol por muitos anos.

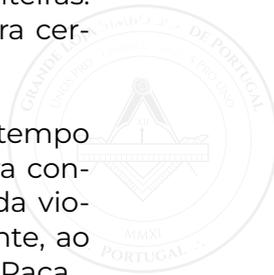
E quando a Fé faltar, que haja dentre eles quem se aproxime. E quando alguém

cair que outros o levantem.

E quando a Luz parecer condenada a se extinguir, que haja quem ateie a fogueira, no coração e no espírito da Gente que restar de pé. Gente que se lembre da Humanidade que lhes incute essa suprema responsabilidade: ser Livre e ser Luz no caminho dos homens.

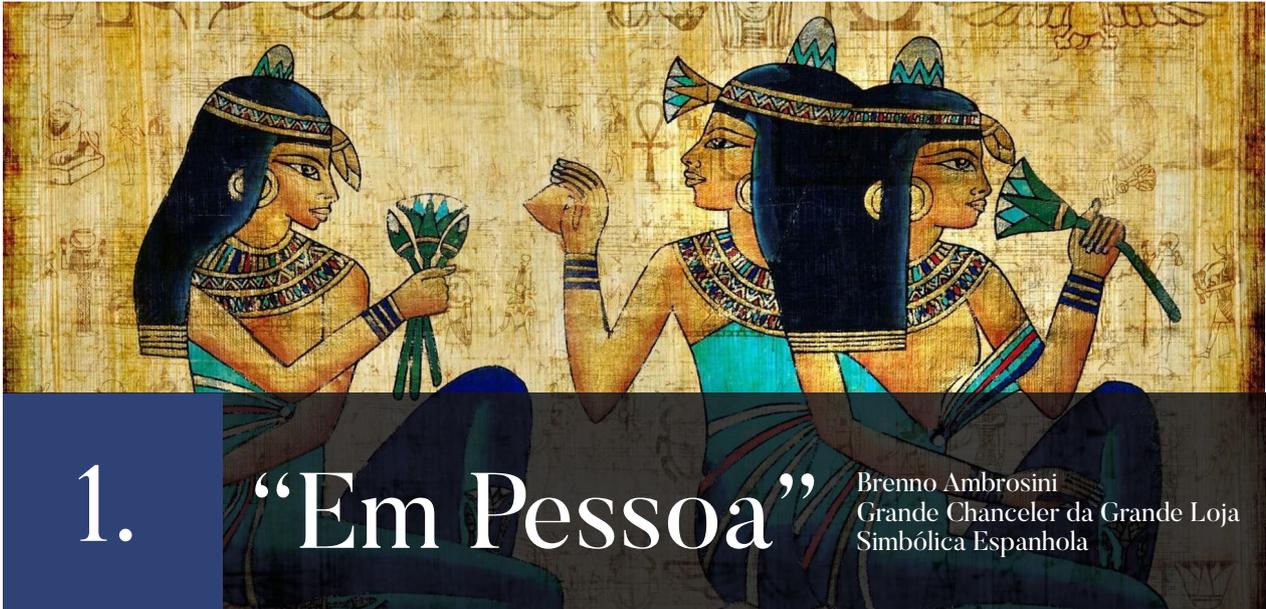
Dai-nos uma praça de Gente desta. Dela faremos uma irmandade perfeita. A Irmandade na qual germina a semente necessária para continuar a dar, à Gente que vier depois, o mesmo que nos foi dado: Maçonaria.

Liszt, 2023



GRANDE
SIMBÓLICA DE
MAÇONARIA PORTUGAL





1. “Em Pessoa”

Brenno Ambrosini
Grande Chanceler da Grande Loja
Simbólica Espanhola

Biografia maçónica

He nacido en 1967 en Venecia y en mi vida profana soy músico y catedrático de piano y música de cámara. He estudiado en Italia, Alemania, Francia y España y la pasión por la filosofía me ha llevado a completar mis estudios de doctorado en campo humanístico. Ejercí la docencia con ilusión y vocación, y he tenido la suerte de haber dado conciertos y masterclass en tres continentes.

Me inicié en la R.:L.: “Miguel Servet” nº46, O.: de Zaragoza y después seguí mis Ttrab.: en la R.:L.: “Manuel Fabra” nº60, O.: de Castellón, ciudad en la que me encontraba en calidad de profesor. En 2014 ingresé en la R.:L.: “Renacimiento” nº64, O.: de Madrid, cubriendo el Of.: de Orador. La Logia madrileña me honró confiándome el Of.: de V.:M.: en los cursos 2015-2016 y 2016-2017. En aquellos años instituímos bajo el amparo de la GLSE y de la Universitat Lliure de l’Empordà los Cursos de Fundamentación en Francmasonería y publicamos 4 volúmenes editados por Masonica.es .

Con el apoyo de la R.:L.: “Renacimiento”, se fundó el Tr.: “Renacimiento 2” en 2017, del que surgiría la R.:L.: “Sapientia Ars Vivendi” nº87, O.: de Salamanca, que



levantó columnas en mayo de 2019. En la Logia salmantina, después de 3 cursos en calidad de V.:M.:, disfruté del Of.: de G.:T.: Logia joven y abierta a la sociedad con una clara predilección hacia artes, educación y ciencias, programamos ciclos de Conferencias y debates

(al momento 27 actos públicos) bajo el amparo de la GLSE y el apoyo del Centro de Documentación de la Memoria Histórica, y las tres ediciones del Curso de Fundamentación en Francmasonería, contando con el apoyo de la U.N.E.D. y su plataforma.

Soy miembro del Supremo Consejo Masónico Española (33°)

Mi labor en el seno de nuestra Obediencia empezó en 2018 siendo elegido Gran Consejero por el Distrito Centro. Se me confía el Oficio de Gran Orador que cubro durante 3 años. Desde 2021 cubro la oficialía de Gran Canciller de Asuntos Exteriores. En mi primer mandato he podido conocer internamente con más profundidad nuestra GLSE, y en el segundo mandato he podido compartir y

después transmitir experiencias y vivencias con HH.: y HH^a.: de todo el mundo, sobre todo Europa, siendo elegido en 2023 representante de CLIPSAS para nuestro continente. En ambos casos, el trabajo como Gran Orador y como Gran Canciller, el salario ha sido altísimo, pudiendo aprender muchísimo de mis HH.: y HH^a.: y ensalzando, aún más si cabe, mi Amor por la Masonería y por nuestra Gran Logia en particular.

Mucho se ha hecho, pero creo que puedo [continuar a] aportar algo. Continuando la labor de los que han hecho nuestra historia, pero con una visión renovada, mirando a nuestra tradición iniciática, e inspirando cambios para una Gran Logia comprometida con nuestros valores dentro y en la sociedad.

Em Pessoa com Brenno Ambrosini

EQUINÓCIO (Eq).!: ¿Cómo te iniciaste en la Masonería y qué te motivó a unirme? ¿Por qué decidiste que “Marco Polo” fuera tu nombre simbólico?

Brenno Ambrosini (BA).!: Era prácticamente adolescente cuando tuve mi primer contacto con la masonería, algo que no fuera leer algún texto. Como estudiante de música, y con tantos músicos que habían pertenecido a la Orden, de por sí veía a la masonería sí como algo sí misterioso, pero increíblemente fascinante. Además, casualidad o causalidad, vivía en un piso en Venecia, enfrente de la Iglesia de la Magdalena: iglesia cilíndrica, muy fuera del común y única en Venecia, en cuyo tímpano se encontraba un enorme bajorrelieve de un ojo dentro de un triángulo entrelazado con un uróboro. La masonería siempre me atrajo por su ideal de igualdad (pienso a Mozart o Haydn o Liszt en logia con sus respectivos emperadores), su meta hacia una sociedad libre y fraternal, su adogmática búsqueda de la verdad y el crecimiento

espiritual personal para transformar la sociedad cada más justa. Al final, después de haber entendido a través de tantas lecturas, que la masonería había que “vivirla”, decidí iniciarme. Para mi sigue siendo un faro constante en mi vida, descubrimiento e interiorización, trabajo incesante dentro del profundo sentido de fraternidad. En relación con mi nombre simbólico, es una clara alusión a mi ciudad natal. Marco Polo fue curioso, viajador, utopista, diplomático, honorable, amante de la belleza. Sus horizontes eran infinitos como el horizonte del mar, invitación a entrar en él para descubrir y aprender de todo lo que podamos encontrar. Una vida siempre fiel a sus principios, y llena de ideales al mismo tiempo, vivida con belleza, fuerza y sabiduría. Me pareció perfecto porque en sí representa el ideal masónico.

Eq.!: ¿Cuál es la importancia del mandil blanco y su simbolismo en la Masonería?

BA.!: El blanco es el color de la pureza, de la inocencia y hasta de la ingenui-

dad. El mandil, aquello que nos protege de las esquirlas que saltan del pulimento de la piedra, aquello que protege a nuestros hermanos de nuestro propio pulimento y de las esquirlas que lanzamos fuera al trabajarnos, es la base de la Orden. Todos los mandiles, de cualquier grado, tienen un fondo blanco porque el trabajo del Aprendiz – puro, inocente y hasta ingenuo - nunca acaba. Al revés: cuando subimos en nuestro perfeccionamiento, y de grados en nuestro Rito, nos enteramos que siempre tenemos que volver al blanco puro. No es un círculo bidimensional volviendo al punto de partida, sino una espiral ascendente que cada día nos llena de fuerza y belleza. Y responsabilidades.

Eq.º: Has mencionado los Grados. ¿Nos podrías hablar de ellos? ¿Qué significan para ti?

HC.º: La masonería, los grados en cada Rito, tal y como acabo de decirte, son todo un unicum. En mi caso personal, no podía concebir que mi perfeccionamiento y mi crecimiento hubiera podido continuar solamente con las herramientas de los primeros tres grados. Por ello seguí, dentro de mi Rito, descubriendo además poco a poco mucho mejor los primeros tres grados azules y confirmándome, estando ya “arriba” del recorrido de Altos Grados, lo que intuía desde el primero de ellos: mirada hacia abajo para ascender hacia arriba. Mirando el pasado, se sigue hacia el futuro, mirando hacia los fundamentos se asciende. Siento los grados como una energía incombustible que, desde abajo, me empuja en la espiral de la que hablaba antes. Pero también siento el peso siempre mayor de los Arquetipos que están encima de mí. Cada “vuelta” de la espiral me concede más luz, pero al mismo tiempo me percato del enorme peso del significado simbólico y de la Tradición de todos ellos. Para contestar a la pregunta, simplemente diría que, en mi caso, los 33 me parecen imprescindibles, y me siento muy honrado de visitarlos y revisitarlos sin cese. Del 1 al 33, y vuelta ascendiente hacia el 1 para llegar más arriba. El día de exaltación a 33 sólo lo podría comparar con

el día de mi iniciación, y nunca me he sentido mejor al salir de ella y sentirme otra vez un joven aprendiz.

Eq.º: ¿Cómo describirías la dualidad de experiencias en la Logia masónica?

BA.º: Si por dualidad de experiencias entiendes la extremización de las vivencias logiales, entiendo que justamente por ello estamos allí, haciendo un trabajo de grupo y no solamente estudiando encerrados en una habitación o en una biblioteca. El trabajo grupal nos empuja a la exteriorización de los sentimientos, lo que se puede dar solamente en un espacio sin espacio y en un tiempo sin tiempo, en el Rito, y totalmente “desnudos”. Sólo podemos desnudarnos totalmente en el lugar y sitio que nos corresponde, envueltos por y desprendiendo fraternidad. Una pequeña alegría se transforma, y DEBE transformarse en una magna celebración. Una pequeña tristeza se transforma, y DEBE transformarse, en una tragedia. Nuestra pequeña sociedad de Logia tiende a la utopía de la Ciudad del Sol, y en el trabajo grupal nos “entrenamos” para conseguir esta utopía, inalcanzable a priori. Las decepciones entre Hermanos, totalmente justificables por ser hombres con todas nuestras virtudes y todos nuestros defectos, no deberían tener lugar, o por lo menos deberían de resolverse si cada uno de los Hermanos tuviese siempre bien firme en su cabeza y en su corazón el mandil blanco, nuestro compañero de viaje, con todas sus implicaciones. Este trocito de piel o tejido inmaculado debería ser para todos nosotros un recordatorio de los valores y principios de la Orden y de nuestro compromiso al estar en ella.

Eq.º: ¿Cuáles son las lecciones más importantes que has aprendido en la Masonería?

BA.º: He aprendido muchas lecciones, pero con el paso del tiempo si tuviese que dar un solo consejo al Aprendiz que acaba de ingresar en la Logia, ese sería: la Orden es algo superior, intangible como la Lux Aeterna pero

presente en diferentes formas entre nosotros, y para cada uno de nosotros, desde el Homo Sapiens. La Masonería nunca decepciona, los que si acaso decepcionan son los que la componen que, afortunadamente, son hombres, buenos y de buenas costumbres y con el deseo de ser cada día mejores, pero siempre hombres. La Masonería es un espejo de nosotros mismos, así que, si hay algo que nos decepciona, debemos buscar en nosotros, en la logia, en la obediencia y dar, cada uno a su lugar, un pequeño paso verso el cambio que deseamos. La Masonería está allí, y el que se equivocó al entrar, el mentiroso, el hipócrita (con los demás o consigo mismo), el que hace daño sin correr a reparos, el manipulador... se irá. No tiene sitio en la Orden. La Masonería nos pones a todos en nuestro sitio, en el lugar y sitio que nos corresponde. Dentro o fuera. Sólo es cuestión de tiempo, paciencia, voluntad.

Eq.': ¿Cómo influye la Masonería en tu desarrollo personal y crecimiento espiritual?

BA.': Creo que para mí la Masonería no sea un camino paralelo a mi vida profana. Por ello vivo la Masonería con extrema simplicidad siendo, como mi vida personal y profesional, parte intrínseca de mí mismo. Quiero aclarar que la Masonería y la experiencia masónica es y debe ser diferente para cada uno de los Hermanos, y lo que vale para mí seguramente no vale para otro. Aclarado lo anterior, tal y como estudiar piano o dar clase a mis alumnos o apreciar una obra de arte puede considerarse un tipo de meditación al estilo occidental. La Masonería me aporta serenidad, introspección y profundidad de pensamiento en el estudio personal y, en los trabajos de Logia, alegría. Tal y como descifro para interpretarlos unos símbolos que se llaman "notas" puestos sobre líneas, negro sobre blanco, e intento ver lo que está detrás de ellos – es decir: dentro de mí -, con la Masonería hago lo mismo. Tal y como sonrío cuando veo a la primera persona cada día, así lo hago en Masonería. Tal y cómo actúo en mi vida personal y profesional, así lo hago

en Masonería. No son caminos separados. Diría que para mí es mucho más que un complemento de la vida. Difícil de definir su influencia, para volver a la pregunta, podría afirmar que es ética aplicada realmente y sinceramente en la sociedad, el mundo exterior, y búsqueda e interpretación interminable en mi mundo interior.

Eq.': ¿Cuál es tu visión para el futuro de la Masonería en España?

BA.': La Masonería en España ha sido sacudida durante muchos años y con mucha vehemencia. No ha levantado cabeza todavía. Lo está haciendo. Nuestro trabajo es el de no escondernos por miedos injustificables hoy en día en una democracia, porque hay muchos masones sin mandil por la calle que, quizás, ni sepan de la existencia de la Masonería o desconozcan sus principios tradicionales, y siempre actuales, de nuestra Institución. La labor de "normalización" societal sigue siendo prioritario para una Obediencia como la Gran Logia Simbólica Española que quiera esparcir y difundir nuestros valores, nuestro "valor", en la civitas gentium. Mi visión de futuro es que lo conseguiremos, poco a poco, y nuestra Gran Logia ya trabaja intensamente en la visibilización noble y correspondiente a la Institución. En pocos años hemos incrementado mucho los miembros: los resultados se van viendo, pero el trabajo deberá ser constante, incesante y muy bien enfocado: la mirada hacia atrás, a nuestra Tradición, a nuestros valores antiguos y siempre actuales, a nuestros Ritos, a nuestros Usos y costumbres... Dejar la mirada atenta a todo ello nos transformaría en una cualquiera asociación humana profana.

Eq.': ¿Qué has aprendido en tus etapas de Gran Consejero? Antes Gran Orador y después Gran Canciller de Asuntos Exteriores.

BA.': Antes, muchos años de Masonería, muchos Oficios, muchas ilusiones y muchos proyectos realizados. Después, seis años como Gran Consejero y en la

Gran Comisión Permanente. Los primero tres me han dado la posibilidad de conocer a nuestra Obediencia por dentro muy hondamente, los otros de tener una visión global de la masonería a nivel mundial. Años complejos, con pandemias, guerras, volcanes, desestabilización social, lucha para unos derechos sociales que pensábamos ya adquiridos y vemos que no... Creo que he tenido la suerte de tener vivencias hermosas y siempre acompañado por Hermanos a quienes llamarles “grandes” se les quedaría pequeño... Un trabajo codo a codo, diario, que me ha enriquecido enormemente. He tenido la suerte de gestionar proyectos, que parecían imposibles y utópicos, de Hermanos, de Logias y de la Obediencia. Nihil impossibile volenti. Por ello, estoy extraordinariamente agradecido a la Orden, y a mis Hermanos. Creo que puedo aportar todas mis experiencias envueltas de mucho Amor, amor por mis Hermanos, por la Obediencia y por la Orden. Cum igne amoris, vincam. Yo quiero aportar mis años en la Institución, mis logros y mis fracasos, quiero aportar mis virtudes y mis defectos. Seguiré siendo el hombre imperfecto de siempre, cometiendo errores. Pero también el hombre sincero y transparente, leal con mis Hermanos y con la Orden, un hombre sin maldad. Y talvez ingenuo, como el Aprendiz del día de mi Iniciación.

Eq.': ¿Cuáles son tus objetivos y visiones?

BA.': Mis objetivos se pueden resumir en pocas palabras: Unidos de la diversidad, fortalecidos por la Fraternidad. Se basa en dos puntos: la expansión y modernización de nuestra Obediencia, por un lado, y el absoluto respeto por la tradición, el rigor, el Rito, los trabajos en el Templo y la esencia iniciática de nuestra institución, por el otro. Ahondar y hacer hincapié en nuestros valores atemporales y nuestros principios, poner la fraternidad como elemento central de nuestra obediencia, promover la unidad y la colaboración entre las logias, fortalecer nuestros lazos fraternales con otras Obediencias, y continuar trabajando en la promoción de valores como la igualdad, la libertad y

la fraternidad en la sociedad. El trabajo ad intra es indispensable para poder actuar con el trabajo ad extra. Fomentar la inclusión y la diversidad dentro de nuestra obediencia, lo que nos hace diferentes nos enriquece, para que podamos seguir siendo un faro de luz y conocimiento para todos nuestros hermanos masones, y el trabajo duro e infinito personal y logial se pueda expresar activamente y coherentemente en la sociedad en la que vivimos. La Fraternidad, aquella que nos hace diferentes y la menos recordada a menudo en nuestros Talleres. Y volvemos al mandil blanco...

Eq.': ¿Cuál es el mayor desafío que enfrenta la Masonería hoy y cómo piensas abordarlo?

BA.': Mantener su relevancia y atractivo en un mundo en constante cambio. La masonería debe adaptarse a una sociedad moderna que cambia de una forma siempre más rápida, pero utilizando unas nuevas herramientas de la que podemos disponer con la sabiduría, la que tenemos por haber aprendido a utilizar “nuestras” herramientas. Sus principios, su Tradición y sus enseñanzas seguirán siendo relevantes en cualquier sociedad, en cualquier época, porque nuestros valores y nuestros principios son y serán siempre actuales. Somos discretos, no somos secretos y por ello debemos ser transparentes. Como una escuela de aprendizaje con su propio método. Aprendizaje y formación personal para llevar fuera del Templo nuestro crecimiento y distribuirlo a la humanidad gracias a un activismo paralelo en Logia cuanto en el mundo profano. Encontrar el equilibrio entre la tradición y la innovación es nuestro desafío. Promover los valores fundamentales de igualdad, justicia, fraternidad, y de ellos solidaridad y tolerancia, comunidad y comprensión mutua. Debemos ser una fuente de inspiración y crecimiento espiritual para nosotros mismos y un faro de luz en la sociedad. Unus pro omnibus, omnes pro uno.

Eq.': ¿Cuál es la relación entre la GLSE y la GLSP?

BA.º: Por lo que he podido apreciar ya desde antes de encargarme de las relaciones internacionales de nuestra Obediencia, nuestras relaciones son óptimas. Lo que nos distingue es la cercanía que se revela no sólo desde un punto de vista masónico, sino también desde un punto de vista humano. Sabéis cuánto nuestros Hermanos y Hermanas se sientan unidos con vosotros con lazo de amistad que trascienden la relación fraternal interobediencial. Nuestras y vuestras visitas frecuentes no se pueden justificar solamente por una razón de cercanía geográfica. Hay mucho más que un ideal común, un trabajo común, una utopía común. Hay una unión y un apego basados sobre la “humanidad” de los miembros que componen nuestras Grandes Logias, un cariño que surge como el “primer año” cuando uno de nuestros Hermanos se conocen personalmente la primera vez y que se perpetua en el tiempo.

Eq.º: Sabemos que usted ha sido una presencia regular en nuestras sesiones de la GLSP. ¿Cómo ve la práctica del Rito de Memphis Misraim en nuestra Gran Logia?

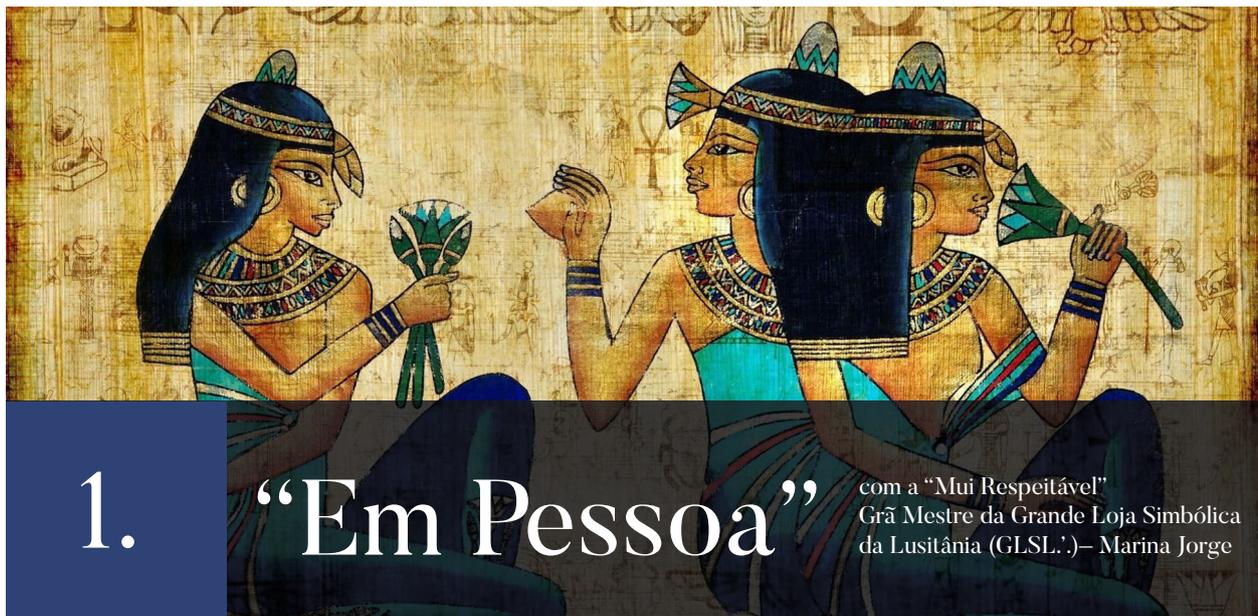
BA.º: Como sabéis, es un Rito que personalmente me encanta y deseo ardentemente fomentarlo entre nuestros Hermanos y en Salamanca, Oriente en el que trabajo, también. Los trabajos a los que he asistido han sido impolutos y muy inspiradores. La naturalidad y la coherencia con la que conseguís practicar el Rito dejan asombrados a todos los que no os habían conocido con anterioridad. Es un Rito minoritario en la francmasonería a nivel mundial, pero porque implica una profundidad desde el Grado Primero que exige mucho a los Hermanos. Cuando un masón lo conoce, no puede no enamorarse de él...

Eq.º: ¿Cuál cree que es la importancia de la relación entre las dos obediencias masónicas (GLSE y GLSP)?

BA.º: Somos Obediencias “jóvenes”, activas, y trabajamos con alegría y convencimiento. Nuestras Obediencias pueden hacer mucho más internamente y externamente, y auspicio

una colaboración aún más profunda en proyectos comunes. No hablo sólo de proyectos masónicos, hablo también de proyectos en nuestra sociedad y, desde luego, de peso dentro de las organizaciones internacionales masónicas. Podemos empujar y tirar, promover, ser de verdad vanguardia en nuestro pobre mundo. La GLSE y la GLSP pueden hacer muchísimo aunando aún más sus fuerzas. Es lo que espero y lo que auspicio.





1. “Em Pessoa”

com a “Mui Respeitável”
Grã Mestre da Grande Loja Simbólica
da Lusitânia (GLSL.) – Marina Jorge

Equinócio (Eq.): Muito obrigado por nos ceder esta entrevista.

Pensamos que sendo a Grande Loja Simbólica de Portugal e a Grande Loja Simbólica da Lusitânia, duas Obediências tão próximas e ligadas de forma tão forte, é de todo o interesse colocar-lhe algumas questões que possam ajudar a esclarecer o rumo que juntos navegamos neste Oceano de interrogações que são os nossos dias.

Deste ponto de vista, que aspectos devemos procurar responder em comum para nos reforçarmos enquanto interventores para uma sociedade melhor?

Marina Jorge (MJ.): Não é possível falar da GLSL., sem começar por falar da GLSP., pois foram os M.'.M.'. da GLSP. que consideraram que faria sentido uma via mista, dada a importância da Mulher na Sociedade e conscientes da sua Espiritualidade, iguais ao homem em direitos e oportunidades, acreditaram na plena igualdade de valências permitindo-lhes trabalhar consoante a sua apetência natural, em qualquer das vias, mista ou feminina.

Atualmente as duas Ob.'. têm uma relação institucional muito próxima, ambas movidas pela liberdade de pensamento e liberdade absoluta de consciência. Procuramos promover, em uníssono, a

tolerância, lutar contra a ignorância e fanatismo, defender os valores da Liberdade, Igualdade e Fraternidade

Eq.: É certo que as funções que ocupa lhe trazem muitas decisões que podem ser difíceis, mas necessárias. Como entende o seu papel de Sereníssima Grã Mestre de uma organização florescente como a GLSL.?

MJ.: Um G.'.M.'. de uma Ob.'. como a nossa, jovem, dinâmica e em crescimento, tem de ter dinamismo, proatividade, pois o crescimento tem de ser sustentado e consolidado, tem de haver transmissão aos mais novos. O G.'.M.'. tem estar próximo das RR'.LL'., acompanhar e apoiar o seu crescimento. Relativamente às decisões difíceis, o G.'.M.'. é o garante dos valores em que assenta a G.'.L.'. e tem de colocar os interesses do todo acima de qualquer interesse individual.

Eq.: Sempre que há dificuldades, também há coisas positivas e motivo de grande orgulho. Qual está a ser a maior recompensa deste ofício e qual o desejo para a GLSL. que quer ver cumprido?

MJ.: A maior recompensa é ver a Ob.'. crescer de forma saudável e observar as relações fraternas que envolvem todos os OOb'. , acompanhar a evolução e crescimento das RR'. LL'.

A GLSL.'. já é uma referência na Via Mista da Maçonaria em Portugal e na Europa, e é esse o caminho a seguir.

Eq.'.: Sendo uma mulher que está habituada a interpretar o Mundo, os nossos dias exigem muito mais às pessoas em geral e ainda mais a quem integra a Maçonaria. O que se espera de um Maçon? É suficiente ser-se livre e de bons costumes?

MJ.'.: **Um Maçom tem de ser um exemplo, pois onde está um Maçom está toda a Maçonaria. Se ouvirmos na comunicação social uma notícia negativa acerca de um Maçon, toda a Maçonaria é colocada em causa, ou seja, há uma responsabilidade acrescida. A Maçonaria não transforma as pessoas de má índole, mas transforma pessoas boas em pessoas melhores. A Maçonaria não é constituída por pessoas perfeitas, é feita por pessoas humanas e falíveis. Em todas as instituições temos pessoas com diferentes princípios, porém o propósito da Maçonaria é bom, é construir pontes, edificar a Fraternidade Universal.**

Eq.'.: Todos aqueles que têm funções de relevo nas organizações têm uma exposição que lhes confere um foco de atenção da parte de todos. Esse facto estabelece critérios de conduta e responsabilidades imediatas muito concretas. Sente que ser a máxima representante numa Obediência grande como a GLSL.'. é ser exemplo? Essa tríplice exigência entre vida pessoal, vida profissional e vida maçónica, são exigentes ou desafiantes?

MJ.'.: **É uma função exigente e desafiante, é uma grande responsabilidade, e tento ser um bom exemplo na Maçonaria tal como na sociedade, um bom ser humano acima de tudo.**

Eq.'.: Entre os Maçons, podemos afirmar que sempre que exista uma diferença, ela será Justa e Perfeita. Idealmente seria também assim em tudo na vida. As mulheres pensam a Maçonaria de forma diferente dos homens? Explique-nos que vantagem existe nessa diferença.

MJ.'.: **Todos nós somos diferentes, e um dos aspetos fascinantes na Maçonaria é a unidade na diversidade, defendemos a liberdade absoluta de consciência. As mulheres também são diferentes umas das outras, a vantagem está nessa pluralidade de sentir, viver e partilhar a Maçonaria.**

Eq.'.: As grandes questões da Humanidade e da actualidade, como as migrações e os direitos humanos, as alterações climáticas e a desigualdade na distribuição de recursos, os extremismos, a violência e a fome, são questões prementes que estão sempre residentes no nosso pensamento. Como pensa que a Maçonaria deve intervir neste tipo de matérias?

MJ.'.: **Através da defesa dos Direitos Humanos e promovendo os valores da moral universal, tolerância e respeito pelos outros e pelo planeta, igualdade de oportunidades e dando cada Obreiro, à sua maneira, o seu contributo para um mundo melhor.**

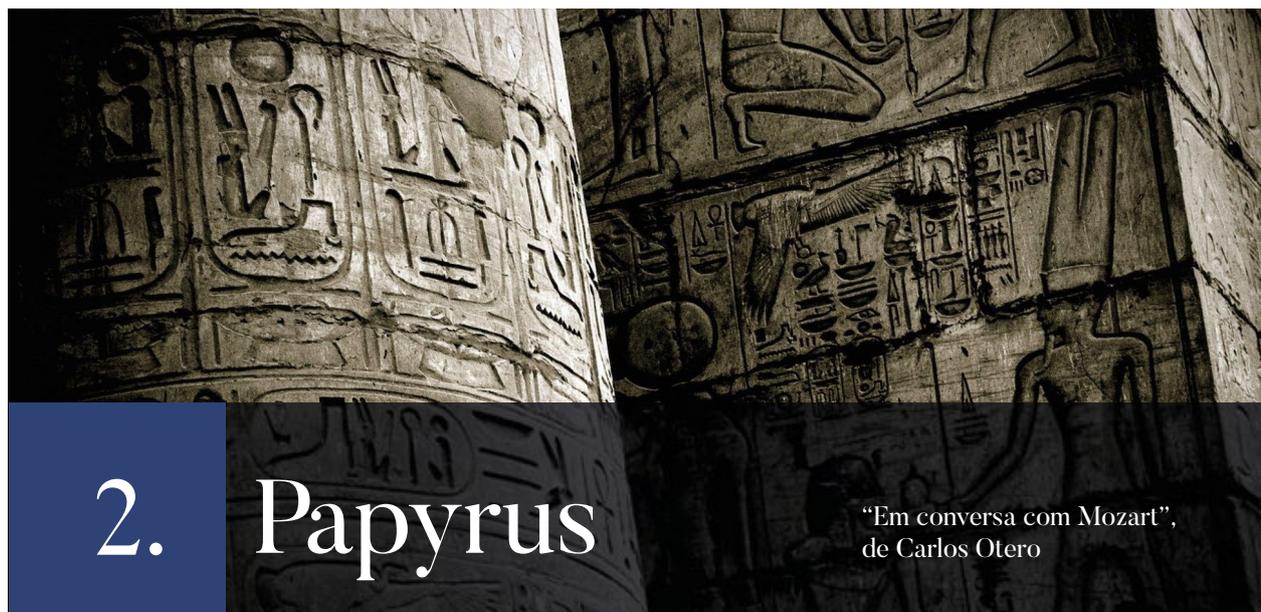
Eq.'.: Em seu entender qual o maior perigo para a Maçonaria em Portugal? E para a Europa? Como devemos preparar-nos para responder?

MJ.'.: **O maior perigo para a Maçonaria em Portugal e no Mundo é a ignorância e a intolerância, que se respondem com Respeito, Justiça, Amor - Essa é a nossa defesa.**

Eq.'.: Gostaríamos, finalmente, que deixasse uma mensagem a todos os membros da G.'.L.'.S.'.P.'. e a todos os nossos concidadãos a quem dedicamos em larga medida os nossos trabalhos.

MJ.'.: **Deixo-vos com uma frase de Albert Pike "O que fizemos apenas por nós mesmos morre connosco; o que fizemos pelos outros e pelo mundo permanece e é imortal."**

Boas Festas Solsticiais para todos.



2. Papyrus

“Em conversa com Mozart”,
de Carlos Otero

Carlos: Creio que não há inconveniente em que te trate por tu? Já nos conhecemos há tanto tempo.

Não queria deixar passar este dia 4 de Dezembro sem te prestar a devida homenagem. Já faz 232 anos, (faço um parêntesis para salientar que $2+3+2$ faz 7; os três acordes na abertura da Flauta Mágica encontram-se no compasso 97, $9+7=16$, $1+6=7$; a casa onde morreste estava situada no nº 907, Rauhensteingasse -que traduzido em português dá: Rua da Pedra Bruta- $9+7=16$, $1+6=7$ e finalmente foste Maçon durante 7 anos). Foi pois irmanado com esse número simbólico de 7 que nos deixaste e regressares para junto dos que te haviam emprestado a esta terra durante 36 anos.

Mozart: Nunca tinha analisado os números sob esse prisma, obrigado. Como vês não se pondera tudo.

A propósito, quando vens juntar-te a mim neste sítio paradisíaco? Já te espero há bastantes anos.

C: Tens razão. Não deixarei de o fazer um dia... o mais tarde possível!

Mas, entretanto, tenho transmitido a boa palavra – quero dizer, a tua música - junto dos meus contemporâneos. Tenho realizado numerosas “conversas” entre nós os dois. Sem te pedir autorização, estou de

acordo, mas foi sempre em prol da música. Tenho sido incansável nesse sentido. As pessoas gostam e podem nessas ocasiões ouvir a tua maravilhosa música. São diálogos de alto nível, como tu sabes.

Não esqueço que nunca pudeste aceitar o meu interesse pelo compositor António Salieri.

M: A tal ponto que escreveste um livro de 270 páginas sobre ele e nunca o fizeste sobre mim.

C: É verdade. Mas no que te diz respeito há pelo menos 11.250 livros e, sobre Salieri nada. Pensei que seria uma oportunidade para que se conhecesse um pouco a sua vida, a sua obra, sobretudo depois do colossal sucesso do filme Amadeus. Filme onde (e com razão) tu és a vedeta e ele é apenas um faire valoir.

Ninguém o conhecia antes do filme e depois ficaram com uma ideia totalmente deturpada da sua pessoa.

Aliás as editoras também mantêm essa opinião, pois nunca quiseram editar o meu livro sobre Salieri. Continua em “estado” de manuscrito...

Como sabes nos anos 1935 (da era terrena) houve uma grande catástrofe no Mundo. Uma guerra sem nome que trucidou milhões de indivíduos.

Ora nos campos de concentração (!) os prisioneiros formaram inúmeras “orquestras” onde se tocavam também as tuas músicas! Esses prisioneiros eram antigos músicos das orquestras dos países ocupados. Para muitos era como um balão de oxigénio, uma escapatória face à (não) existência vivida no dia a dia no campo de concentração.

Os concertos eram semanais e os bandalhos que comandavam esses sítios sinistros ouviam com prazer músicas tocadas pelos prisioneiros. Muitas vezes na véspera de serem suprimidos nas câmaras de gás!

Os assassinos gostavam de música e pediam cada vez mais, sem que se compreenda como pessoas daquele calibre, possam ser sensíveis à música. Nunca cheguei a compreender porquê. Como pode a música influenciar o ser humano? E neste caso nem sei se eram seres humanos. Talvez me possas elucidar, agora que tens a sabedoria celeste.

M: Não encontro explicação para essa atitude dos Nazis. Como vês não tenho medo de utilizar esse termo.

Mas ainda hoje, o ser/cérebro humano, continua a ser uma incógnita para mim. Do meu tempo os humanos, também não quiseram pressentir o meu talento - que digo - o meu génio! E para mais, por que razão, a seguir à minha morte a minha música ficou tanto tempo silenciosa?

Ninguém me chegava aos calcanhares, nem mesmo o teu amigo Salieri!

C: Já que falamos de música, gostaria de falar da tua composição musical e submeter-te uma ponderação que arquitectei sobre a tua obra.

M: Fico curioso em conhecer a tua opinião em relação à minha obra.

C: Deixaste-nos 32.000 páginas de música escritas à mão.

Apoiando-me nisso, imaginei fragmentar a tua obra. 30 anos de composição musical. Então porque não dividi-los em épocas de 10 anos cada?

1º período: A partir de 30.11.1763 = (leveza) Minueto em Ré, K7. A propósito, foi a pedido do teu amigo J. C. Bach que comuseste a tua primeira sinfonia em 1764, quando tinhas apenas 8 anos.

2º período: A partir de 13.12.1773 = (equilíbrio) Concerto em Ré para cravo, K175

3º período: A partir de 14.12.1784 = (dia da tua iniciação = profundidade) Concerto para piano, K459

1) Leveza.

Foste o Menino-prodígio que aliciou todos os salões musicais. A tua composição musical, que parece espontânea, era o fruto de um trabalho árduo, de exercícios, de uma incansável labuta quotidiana.

No início, as tuas composições limitavam-se a “sair da caixa mágica”, como chamavas ao cravo quando tinhas seis anos. Mas sempre com o conceito de: juntar as notas que se amam.

Mais tarde, quando a melancolia invadia o teu coração a tua música nunca foi afectada.

Conhecer a tua música é amá-la. Amar a tua música é conhecer-te.

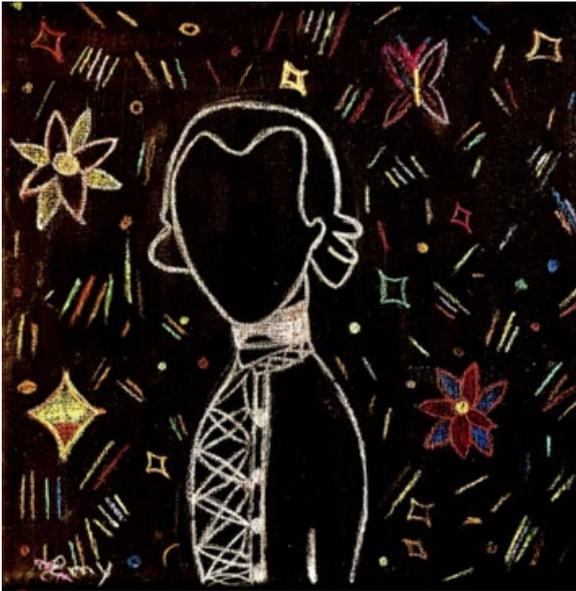
2) Equilíbrio

A obrigação de produção regular para a Corte obrigava-te a realizar certas obras de rotina (ditadas pelo génio, no entanto!)

3) Profundidade

Foste um construtor social? Não o creio. Contribuíste para uma sociedade mais feliz? Sim, sem dúvida.

Mas o teu tributo reside unicamente na tua música. Nada de intelectual, apenas humano. Transmitindo mensagens e sensações a todos os que estão dispostos a ouvi-las e assimilá-las. Daí serem sempre uma fonte inesgotável de inspiração. As tuas sinfonias, concertos e óperas demonstram uma perfeição técnica e uma profunda expressão emocional. Onde nascia essa inspiração sempre activa. Sempre em movimento?



M: Fiquei muito sensibilizado com a tua departição da minha obra. Está justa e bem analisada.

Realmente eu tive a sorte de poder criar obras tanto para a diversão das cortes, como para a devoção religiosa.

Mas sobretudo aproveitei o que nessa altura tinha surgido: o músico independente. A partir daí o compositor deixava de se encontrar ao serviço de um monarca ou de uma igreja para ser livre. Tinha sido o meu sonho de sempre embora a custo de altas dificuldades financeiras.

A música é a expressão da alma humana e, como a sociedade muda, a música também reflecte essa mudança. Sempre me dediquei a transmitir sentimentos através da minha música a fim de atingir o coração das pessoas. Transportar o público para um mundo de sonhos e de emoções.

C: Alcançaste. A tua música valorizou as nossas almas e o nosso espírito.

M: Que a música continue a nos unir e a nos emocionar, para além das épocas em que viveremos.

C: As tuas óperas, por exemplo, são verdadeiras obras-primas. Combinam drama, comédia e tragédia de forma original. A tua capacidade em dar vida a cada

personagem é bem definida e fascinante. Assim a ópera “Don Giovanni” é admirável nesse sentido.

M: Ah, sim, “Don Giovanni” é uma das minhas óperas favoritas. E, no entanto, moralmente não estava na melhor forma. Como sabes tinha falecido o meu pai uns meses antes e sentia-me muito afectado.

Mas apesar disso tive imenso deleite durante a composição. Foi um desafio emocionante aprisionar a complexidade desse herói tão desacreditado. Graças à Música consegui-o. Ainda hoje penso que a música é um código universal que permite contar histórias acessíveis a todos.

C: Concordo plenamente, tanto mais que há uns anos estive na vila Dušek em Praga. Foi uma grande honra estar no sítio onde tinha sido composta essa ópera. Inclusive, apalpei a mesa em pedra no jardim, ainda repleta de ondas deixadas por ti quando lá compunhas. A tua música atravessa o tempo e as culturas tocando os seres de todas as épocas.

M: Creio que foi um contemporâneo teu, o compositor Sibélius, que disse: **A música começa lá, onde finda a palavra!**

C: Mas a tua época foi um período de grandes talentos musicais. Um deles foi Haydn, com quem tinhas uma relação muito próxima.

M: O seu tributo para com a evolução da sinfonia e do quarteto de cordas foi incalculável. Tenho um reconhecimento eterno (agora que já cá estou, na eternidade) por tudo o que ele me ensinou.

C: Além dele houve Beethoven também grande talento. Creio saber que ele tentou ter lições de composição contigo?

M: Sim. Era ainda muito jovem, tinha 17 anos, veio pedir-me conselho. Começou por interpretar uma sonata. E ficou humilhado quando lhe disse que não era assim que se executavam as minhas sonatas.

Mais tarde a sua música seria repleta de emoção e profundidade, o que eu admirava, mas principalmente as suas composições revolucionárias tiveram um grande impacto sobre a música. Também não quero esquecer Gluck que trouxe uma abordagem reformista à ópera, procurando maior coesão entre a música e o drama. Segui-o como exemplo. Quanto a Salieri, era um músico hábil com quem tive relações profissionais.

A música é uma bela expedição capaz de atravessar o tempo. E fico feliz de contribuir de alguma forma para a essa beleza.

C: A tua genialidade e paixão pela música são evidentes em cada nota que escreveste. As tuas obras continuaram a inspirar músicos até hoje.

A propósito, gostaria que me esclareceses sobre algo que me embaralha há muito. A tua entrada na Maçonaria. Porquê?

M: Porquê? Porque é próprio do homem tentar elevar-se, crescer com a ajuda de reflexão, de pensamento e de símbolos. Símbolo: Parte visível de uma realidade invisível. É como a música: Não sabemos de onde vem, mas sabemos para onde vai, o CORAÇÃO!

No entanto posso dar duas explicações plausíveis. Arriscaria dizer: por que estava na moda, era o contexto da época neste bocado de terra.

Muitos seres racionais andavam obnubilados pelas ideias defendidas pelos grandes pensadores da época. De Paris chegavam ideias novas.

A Enciclopédia de Diderot e D'Alembert (onde está tudo, como hoje, com a Internet), defendia o raciocínio humano, o pensamento crítico, e a essência das antigas práticas a fim de dar início a uma nova sociedade.

Dignidade = Liberdade = Felicidade do homem.

Grandes filósofos defendiam uma nova existência do ser humano e ponderavam um meio para o alcançar: a Maçonaria.

Eles pensavam que a posição social nada tinha a ver com a nobreza de espírito. As pessoas de classe inferior poderiam ser nobres de espírito, assim como as pessoas de nascimento nobre poderiam ser mesquinhas.

Em Viena começavam a desenvolver-se lojas por todo o lado.

Então eu também acreditei. Para além disso com a minha iniciação sabia que teria a oportunidade de compor obras dedicadas aos meus irmãos. Foi o que fiz.

Mais tarde acusaram-me de ter procurado a amizade fraterna por me sentir só artisticamente e, até mesmo, com a intenção de “lidar” de igual para igual com os senhores que não me recebiam nos seus palácios.

C: Fala-me da tua iniciação.

M: Foi muito emocionante e, mesmo para alguém como eu habituado a conviver com pessoas da alta, não deixou de me perturbar, diria mesmo, comover. Tudo começou quando vieram buscar-me a minha casa na Domgasse, nº 5, (conhecida como Figarohaus e que é o único apartamento dos 18 que tive em Viena que ainda hoje pode ser visitado).

Era uma terça-feira, 14 de Dezembro de 1784, pelas 18 horas. Era noite, fria, e caminhámos pelas ruas desertas até chegarmos a uma casa com o nome “Zum rothen Krebsen”. Juntou-se a nós o meu padrinho em Maçonaria Ignaz von Born. Subimos ao primeiro andar onde se encontrava a loja maçónica “Zur Wohltätigkeit”.

Esperámos em silêncio atrás da porta. O Irmão indicou a nossa presença com uma “tosse” para dizer que estava ali com o profano. Do interior responderam

com uma pancada, (os sons conheço eu, sempre me sensibilizaram) respondido com a mesma batida pelo que estava fora comigo.

Começaram as perguntas:

Qual é a sua filiação? Respondo: Filho de Leopold Mozart.

É membro de uma ordem secreta?

Eu: nenhuma.

Foi um verdadeiro ardor e paixão que o trouxe até aqui? Eu: Sim.

Talvez tenha sido movido por uma curiosidade doentia? Eu: Nenhuma.

Alguém o pressionou ou convenceu-o? Eu: Pela minha honra e pela minha consciência, ninguém me pressionou ou me convenceu.

O Irmão dirigiu-se directamente ao Presidente que me perguntou por três vezes se estava de acordo com os regulamentos e eu respondi: SIM!

As músicas da coluna de harmonia para a cerimónia, com excepção das obras de abertura, foram escritas por mim, antes de ser iniciado, pois estive sempre em contacto com os irmãos em Viena.

De seguida vieram as provas. Complicadas para quem não percebe. Única solução, deixar-se guiar pela mão do irmão e aguardar o... fim.

Senhor! Vamos caminhar e veremos se a sua firmeza de alma persiste. Pegue na ponta da minha espada e coloque-a no seu peito do lado esquerdo e dê a mão direita ao Irmão.

E assim de seguida onde tudo foi preciso recomeçar. Foram três vezes! Por fim prestei juramento para ser um Cavaleiro Maçom.

O Presidente deu-me um par de luvas e disse-me: Meu Irmão, este é o primeiro par de luvas brancas masculinas que deve manter; é o símbolo da sua recepção, mais tarde saberá porquê. Dá-me um segundo par de luvas e diz: Meu Ir-

mão, aqui está um segundo par de luvas que deve usar sempre que esteja em loja com os seus irmãos. Seguido de um terceiro par de luvas. Este par de luvas femininas é para brindar à mulher que mais estima.

De seguida, o Respeitável deu-me uma espátula prateada e não polida, pendente por uma tira de couro para ser fixada no casaco.

Mais tarde compreendi que tinha sido iniciado com o rito Zinnendorf cuja bateria é igual à da Estrita Observância: .. , .. ,..

Como explicar o que se sente nesse momento preciso. Poderia dizer que a certa altura tinha desejado encontrar-me a centenas de léguas daquele sítio. No entanto, se o tivesse feito, não teria vivido esse momento único na minha vida. É uma cerimónia muito impressionante e que nos leva a meditar sobre a nossa existência passada.

O meu primeiro contacto perceptível com a Ordem Maçónica foi através da música! Foi com os olhos vendados (quer dizer com a minha audição no seu máximo) que fiz as viagens iniciáticas e me submeti às provas.

Dá-nos a percepção do pouco que somos, apesar de todos os artifícios existentes na vida. Estamos, ali, reduzidos a NADA.

Um mês depois compus o quarteto “As Dissonâncias” em recordação dessa noite memorável. A obra transmite, com a ajuda de intervalos musicais inconclusivos, o dramatismo, assim como, a incerteza real do candidato durante as provas.

Fiquei tão satisfeito de pertencer à Ordem Maçónica que dois meses depois propus ao meu grande amigo Joseph Haydn de se juntar a nós. Assim foi, seguido rapidamente pelo meu próprio pai Leopold.

Anos mais tarde, com as teorias dum pseudo-psiquiatra de nome Freud, chegou-se a dizer que eu obrigara o meu

pai a entrar na Maçonaria para que ele deixasse de ser meu pai (a tal teoria de “matar o pai”) para passar a ser apenas meu...irmão! Raciocínio completamente estúpido.

Não esqueço, que na altura, os maçons arcavam como missão: diminuir ao máximo as cisões que tornam as pessoas estranhas umas às outras!

Cheguei a formular o projecto de uma loja chamada Gruta.

Hoje, o prédio onde morri foi destruído para instalar uma loja dos 300. Só tenho direito a uma placa que lá foi colocada.

C: Gostaria de terminar esta conversa, dizendo o que te devemos a ti e à tua música. Graça a vocês enchemo-nos de serenidade. Tornaste visível essa fracção de espiritualidade que a tua música nos inspira e que nos permite voar até cimos de felicidade. Espiritualidade que nem os terremotos nem os tufões poderão destruir.

As grandes “catedrais” continuam abertas a todos os que procuram construir um mundo melhor. É uma construção pessoal, se a não fazemos não podemos culpar os outros.

Arrisquemos, no entanto, pousar a última pedra que fechará a cúpula. Não é sem razão que se considera “fecho de abóbada”. Uma chaveta que serve – talvez - para fechar, no momento apropriado, a NOS-SA existência!

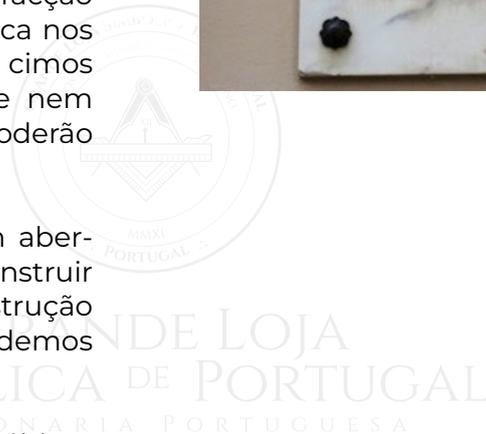
A fraternidade dos homens e a tolerância contribuem à perfeição do nosso ser interior. Nem elas nem a tua música serão jamais esquecidas.
São imortais.

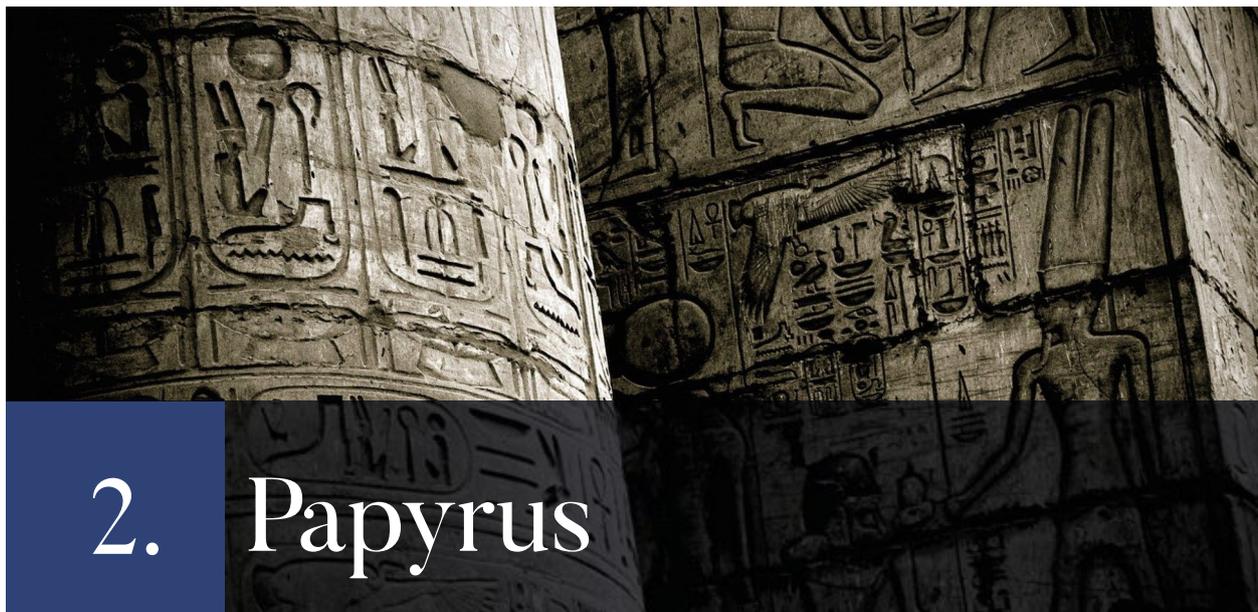
Quando vieste ao mundo, vieste ao MUNDO INTEIRO!

Nota da redacção: Este autor não adere ao Acordo Ortográfico.

1) Hesitei em ter uma conversa directa com Mozart. Receei que certas pessoas

considerassem presunçoso o facto de me pôr ao mesmo nível que esse grande compositor. Não penso estar - ninguém está - na mesma elevação, não há nível possível entre nós! Desejei, apenas, ter a sua opinião sobre certas coisas que ele nunca teve tempo de abordar. Desculpa e Obrigado MOZART...





2. Papyrus

As Chaves Perdidas ou a Arte de Religar

A Maçonaria, embora não seja uma religião em si mesma, é essencialmente religiosa porque muitas das suas lendas e alegorias têm origens sagradas e permitem-nos “religar”. Por definição, a qualquer religião subjaz um código moral de inspiração superior, ainda assim, dogmático. Religioso é aquele que se inspira nesse código para viver com maior nobreza e se identifica com a essência desse código, que constitui a origem da sua luz. No entanto, sabemos que tudo o que serve para dar ao homem conhecimento de si mesmo não pode ser inspirado senão pelo Eu, e o Deus Universal é o Eu Absoluto. Ele é, na verdade, simultaneamente a inspiração e o inspirado. Este desafio constitui a chama que deu vida à necessidade da religião, não a uma única fé, mas a vários credos. Não serão estas religiões do mundo, cada uma procurando o seu próprio caminho, um direito inato do homem para se elevar? Talvez, mas a busca da espiritualidade pode iludir o Homem a seguir o caminho errado se não estiver devidamente instruído. O Homem veio a este mundo para estabelecer o equilíbrio numa esfera que roda desequilibrada, encontrar a paz num mundo que nunca descansa as armas, para desvendar a ilusão dos sentidos e subjugar o dragão da sua própria natureza instintiva, procurando a Verdade desaparecida.

Contudo, a Verdade a que me refiro não está totalmente perdida. Devemos continuar a procurá-la até a encontrar. A realidade surge diante de nós, sempre esmagadora. O Homem, criatura feita de actos e desejos, sujeito às suas próprias opiniões e impressões, não pode nunca chegar a conhecer o que ele próprio nunca possuiu. Como Homens, recebemos o benefício de uma qualidade, descobrimos essa qualidade e reconhecemos nos outros aquilo que renasce dentro de nós. Todo o Homem nasce com cinco sentidos, mas apenas alguns iluminados conseguem ultrapassá-los e utilizar o sexto, i.e. a sua Consciência. O Homem, na realidade, nasceu na ignorância e no erro, mas ao mesmo tempo, recebeu uma capacidade invulgar de compreender. O Homem Livre deve ter uma mente capaz de adquirir sabedoria, um coração capaz de abrigar sentimentos e uma mão forte para realizar a Grande Obra: transformar pedra bruta em pedra cúbica. O que mais podemos nós, Homens Livres, pedir senão a oportunidade de realizar o nosso destino, o sonho que nos inspira, a visão que nos guia? Se não tivermos o direito de exigir sabedoria, a quem podemos implorar que nos conceda a compreensão? Com que autoridade podemos exigir felicidade, quando o nosso semelhante, feito à nossa imagem, grita de sofrimento?

Nada disto faz parte do direito natural das criaturas animais, mas o Homem pode obtê-lo simplesmente se cultivar a Verdade dentro de si. Não há necessidade de implorar, nem há nenhuma divindade que desça do seu trono celestial para dar ao Homem o que ele deseja.

O Homem recebeu da natureza os seus dons, mas recebeu ainda um outro dom único, que consiste no privilégio do trabalho. Através do trabalho o homem aprende todas as coisas e a razão do seu destino. Com trabalho, cada Homem poderá, de facto, estar comprometido com a Grande Obra e libertar-se da prisão do medo. Todos procuram o templo onde Deus habita, onde o espírito da Grande Verdade ilumina as trevas da ignorância humana. No entanto, muitos passam por esse Templo sem nunca o reconhecerem, pois a névoa dos dogmas religiosos os envolvem. Ficam presos pela passividade do seu pensamento e amarrados às interpretações erradas das escrituras. As suas limitações exaltam-lhes o medo. Vagueiam pela escuridão agarrados ao ódio e vivem ofuscados pela luz errada. Afinal, iluminado é aquele que encontra a luz na escuridão do seu próprio coração, pois Deus mostra-se apenas aos poucos que conseguem encontrá-lo. Quem o procura e nunca o encontra, vive na ilusão que as leituras e interpretações dos livros das religiões são a Verdade Suprema. Depois revelam-no aos outros, esforçando-se por incutir nos ignorantes essa mensagem de pretensa sabedoria. Os homens, seres impuros, entendem a mensagem errada e raramente conseguem compreender o mistério que lhes foi revelado. Seguem os passos daqueles que deturparam as palavras primordiais, segundo o caminho descendente. Vivem a lei tal como lhes foi transmitido, vivificando o seu espírito cego. O homem enaltece-se arrogantemente diante do Desconhecido e povoa as trevas da sua própria ignorância com líderes e salvadores, fantasmas e espectros, virgens e demónios. O medo é a semente da ignorância, sempre teme tudo, e cai no horror gratuito, de ódios fúteis e do terrorismo. Mas a sabedoria não tem medo de nada. Enquanto a ignorância odeia facilmente, a sabedoria, graças à sua compreensão mais profunda, ama todas as coisas, por-

que soube descobrir a beleza, a ternura e a graça de tudo o que mantém subjacente o mistério da vida. A vida é um sopro, um lapso de tempo orçamentado para ser erguido na sua plenitude. Cada momento fugaz é uma oportunidade, e todos os grandes sábios são aqueles que sabem reconhecer a vida como oportunidade para deixar lastro em todas as coisas.

Como sabemos, a Maçonaria não é uma religião, mas religa-nos aos mistérios do Homem. Os altares da Maçonaria são adornados com joias milenares. Materialmente nada valem, espiritualmente valem tudo. Os seus Rituais ressoam com palavras que vêm de profetas ilustres e sábios iluminados, de muitas religiões e de nenhuma religião. É mais que uma fé. É mais do que uma crença. É um caminho de certeza. A Maçonaria é uma universidade na qual as ciências do espírito são ensinadas a todos os que têm ouvidos para escutar, olhos para ver e alma para compreender, interpretando os seus ensinamentos velados. Se conseguirmos ver para além do círculo traçado pelo compasso, conseguiremos identificar na liturgia maçónica a presença de todas religiões e, simultaneamente, de nenhuma religião. O objectivo primordial da Arte Real é, na realidade, reencontrar aquilo que o Homem há muito perdeu, a sua própria Verdade. Muitos designam esta Verdade pelas Chaves Perdidas da Maçonaria. Pessoalmente, prefiro designá-las por Chaves Perdidas da Humanidade. Porque aquilo que o Homem perdeu, também o Maçom perdeu.

Do ponto de vista da religião, sabemos (i) que o cristão segue o doce Nazareno até aos picos tempestuosos do calvário, (ii) que o islamita faz a sua peregrinação pelo deserto arenoso em direcção à tenda negra de Maomé e (iii) que o judeu segue o som do shofar pela diáspora Abraâmica. Também o Homem Livre continua o seu caminho, buscando incessantemente a Verdade. No entanto, as qualidades e os vícios também seguem no seu viático. O espírito ilumina o caminho, mas a matéria segue atrás e pesa bastante, abrandando o ritmo da caminhada. Contudo, a Escola de Mistérios permanece inabalável. Um Maçom não tem de ter religião ou credo, mas como qualquer homem livre

tenta viver diariamente em busca da perfeição e servir com inteligência e harmonia as necessidades do Grande Arquiteto.

O Homem religioso, mas livre, entende que serve melhor a Deus quando a este se junta o Grande Arquiteto. Todos os que tentam obter o domínio de si mesmo através de esforços construtivos são homens livres, independentemente da crença religiosa a que pertencem. O Maçom compromete-se voluntariamente a ajudar todos os que buscam a Verdade, em qualquer nível e circunstância. E ao fazê-lo, compromete-se com todos os seres vivos, independentemente da espécie, da raça, da cor, do gênero e do credo. A verdadeira Loja Maçônica é também uma Escola de Mistérios, um conjunto de Homens Livres de Pensamento e Consciência, afastados das loucuras e frivolidades do mundo, e instruídos nos mistérios da morte e da vida, nas relações fraternas de altruísmo e harmonia, fecundadas pela semente da espiritualidade. O Maçom considera a vida seriamente, percebendo que cada momento desperdiçado nesta Obra é uma oportunidade perdida, e que a compreensão dos Arcanos só é conquistada através da dedicação contínua. Também percebe que o seu espírito é uma joia deslumbrante que deve lapidar e cuidar, a aspiração do seu coração e a meditação da sua mente.

A Maçonaria é uma filosofia sem dogma. É por isso que é mais verdadeira. As suas componentes curvam-se diante da Verdade sem prestar atenção de quem é o portador. Os maçons servem a luz, e nunca se preocupam com quem a traz. Não há religião, ou religião, mais verdadeira do que esta, liberdade de consciência, igualdade de direitos e fraternidade humana, no propósito de glorificar um Deus universal, o Grande Arquiteto, e construir para Ele um Templo simples, aberto, de atitude construtiva, de caráter nobre, de VERDADE no seu próprio coração. E termino com uma citação de um Homem sábio que referiu o seguinte:

“Peçam, e será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta será aberta. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e àquele que bate, a porta será aberta”.

Coloca-se a questão: serão necessárias as tais Chaves Perdidas para abrir a Porta, se “apenas” é necessário bater a essa Porta para que ela se abra? Aliás, talvez já tenham notado, mas as Portas do nosso Templo não têm chave. Alguém as perdeu de propósito.

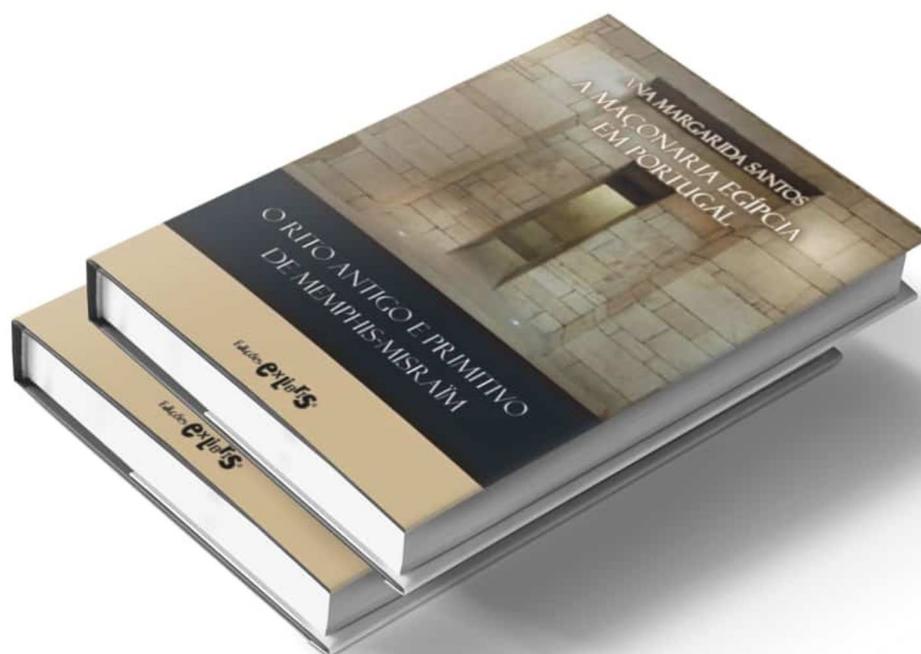
Álvaro Thomaz

GRANDE LOJA
SIMBÓLICA DE PORTUGAL
MAÇONARIA PORTUGUESA



“A Maçonaria em Portugal”

Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Misraim



« **Podemos fazer a diferença.** Podemos ser o **FAROL** que traz **LUZ** a um Mundo que dela carece. **Um Mundo que procura orientação e direcção.** Um Mundo em tumulto e angústia. Podemos ser a diferença. **Trabalhando juntos contruímos um Mundo melhor.** »

Louis A. Daly

Presidente do CLIPSAS 2014-2017

disponível em:

livraria@memphismisraim.pt



3. gnoseo seauton

Do Potencial à Verdade

Com independência do contexto social ou temporal em que todos os Homens nascem, todos trazem consigo algo em comum. Algo grandioso, prometedor e expectante. Sob a pele dessa criatura frágil, pura e bela que é um bebé, reside um vasto Potencial. Um Potencial intangível, imaterial, quase que ilimitado. O potencial de atingir os mais elevados patamares da virtude e do conhecimento, mas também de se resignar à ignorância e a tudo o que de menos bom o mundo já conheceu ou poderá ainda vir a conhecer. Tal potencial, nesse momento inicial da vida, de embarque na vida profana, não passa mais do que isso, de uma série de possibilidades. Em função das vivências, jogos, relações, privações e excessos que virão a ser experimentados, educados, habituados ou confrontados, todos eles definirão inevitavelmente o carácter e os comportamentos desse ser, que um dia virá a ser um Homem adulto.

Em função de todo um caminho que se seguirá, este pequeno Homem encapsula também dentro de si, o potencial de se influenciar a si mesmo, de influenciar aqueles que o rodeiam mesmo que distantes no espaço e no tempo, ou por estes se deixar influenciar. Essa pequena criatura com tão vasto potencial foi um dia Jesus Cristo, Nelson Mandela,

mas também Gengis Khan, Josef Staline e Adolf Hitler, assim como todos os Homens que pisaram esta mesma terra. E sim que também pisamos tanto tu, como eu, com os correspondentes potenciais. Existe no mundo, tanto no ocidental, como para além deste, a ideia de que no início da vida, porventura algo após o primeiro batimento cardíaco, ainda no útero da mãe, existe algo de grandioso e único que caracteriza o facto de cada Homem poder atingir o expoente máximo deste seu Potencial, conferido e pré-formatado ao nível do subconsciente. Esse poderoso elemento que possibilita e instiga a materialização desse Potencial, é de uma forma ou de outra a Verdade.

A Verdade é na sua essência como uma ferramenta, um caminho, algo de profundamente renovador, um guia para todo o molde e desenvolvimento do que de mais profundo é o carácter do ser humano e que estará inevitavelmente associado aos seus mais enraizados valores e princípios. É ela que inspira, motiva e leva à decisão do caminho que cada um decide trilhar. Mas a Verdade é simultaneamente destruidora e criadora. Tal como sucede na natureza, a criação de algo novo no ser humano, principalmente nas raízes da sua mente e da sua alma, implica inevitavelmente a destrui-

ção, parcial ou completa de algo antigo, algo que provavelmente o acompanha e é parte de si há anos. Poderá ser alguma ideia ou crença, revelada na sua infância ou somente em idade madura. A Verdade é portanto, uma dádiva que também corta e divide, queima e extirpa. Daí a importância que, quem a ela se entregue ou a dela faça uso, o faça com maturidade, sabedoria e inteligência.

É, no entanto, importante diferenciar dois distintos conceitos de Verdade. Se por um lado existe a Verdade de cada um, existe por outro a Verdade Universal. Estes conceitos são por vezes confundidos, podendo e resultando até, em conflitos e contradições profundos no interior de alguns Homens. A Verdade Universal é imutável, consistente, inquebrável, não sendo influenciada por qualquer ser, autoridade, vontade, percepção ou preconceito. A Verdade Universal não está associada a qualquer juízo de valor, estados ou tendências positivas ou negativas da condição humana, do mundo ou do universo. Ela simplesmente é. A virtude de ajudar o próximo, a inevitabilidade do sofrimento, a finitude da vida são exemplos da Verdade Universal. A apreensão da Verdade Universal pelo Homem, podendo aí finalmente ser libertado e iluminado, é, no entanto, um processo evolutivo, contínuo, de trabalho árduo, de privações, de sacrifício e que se desenvolverá durante o resto da vida daqueles que se alinhem com os seus valores universais, puros e estruturais e que por sua vez levarão ao conhecimento, à força e à beleza.

Analisemos então a Verdade do próprio. Esta é-lhe transmitida pela sua voz própria interior, a qual, ainda que também relacionada com as ideias inatas, inspira-se nas suas próprias experiências, naquelas que viu e escutou em outros, em histórias, em ideias, em desejos e até em sonhos ou visões. Todas estas fontes poderão ou não levar à Verdade Universal, mas há, no entanto, que alertar para o cuidado necessário com perigosidade de algumas ideias. Ideias embriagantes, que dado o seu poderoso poder intoxicante e viral, podem distorcer profundamente algumas / muitas mentes a quem são expostas. Fundamentalismos e extre-

mismos, sejam eles religiosos, políticos, filosóficos ou sociais, iludem facilmente com as suas ideias aqueles tocados pela ignorância ou pela malevolência dos outros, mesmo que num passado distante. Estes, que pensarão ter descoberto a Verdade através de tais ideias, deixaram na realidade e somente, que a sua voz interior moldasse a sua Verdade e obtiveram, como resultado final, ser tomados pela ideia e não o contrário.

Escreveu Aleksandr Soljenítsin, “a linha que divide o bem do mal passa pelo meio do coração de cada ser humano”. A Verdade que cada um aceitar para si mesmo, ditará para que lado desta linha irá pender e aí, em função das suas vontades, capacidades de oratória e inspiração, poderá influenciar ou impactar não só a sua vida, mas também a de outros... muitos outros... até de milhões... Assim o prova a história, tal como o fizeram alguns nomes atrás referenciados. Essa mesma história já provou a força e poder da Verdade Universal para contrapor influências desviantes e maléficas. Vale a pena, portanto, que cada um analise primeiramente dentro de si o que é a sua Verdade própria e se esta está alinhada com a Verdade Universal, a qual terá por sua vez que encontrar. Só assim poderá aportar a si mesmo, aos que o rodeiam e ao mundo, agora e no futuro, um contrapeso às suas verdades desviantes e aquelas que povoam as mentes de outros.

R.N.





GRANDE LOJA SIMBÓLICA DE PORTUGAL

MAÇONARIA PORTUGUESA

A Grande Loja Simbólica de Portugal é uma Obediência Maçónica liberal, que funciona como uma associação de homens livres e de bons costumes, unidos por princípios e valores comuns. Esses princípios são a liberdade, a igualdade e a fraternidade, baseados em valores como a tolerância, humildade, honestidade e solidariedade. **Os Maçons da Grande Loja Simbólica de Portugal cumprem escrupulosamente a Lei Moral Maçónica e as Leis da República Portuguesa.**

A Grande Loja Simbólica de Portugal é a terceira obediência maçónica portuguesa. É guiada por uma grande discrição nas suas actividades e tem uma forte ligação institucional como Grande Oriente de França. Privilegia questões filantrópicas e sociais e o desenvolvimento intelectual e espiritual de seus membros, respeitando sua absoluta liberdade de pensamento, consciência e religião. Prioriza a qualidade e a seletividade na admissão de seus membros.

Em 2008, Instituímos em Portugal o Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Misraim, com a consagração e instalação de Resp.: Loja Phoenix nº1 em Lisboa. Em 2011, a Grande Loja Simbólica de Portugal foi consagrada e instalada no Palácio Maçónico do Grande Oriente de Lusitano.

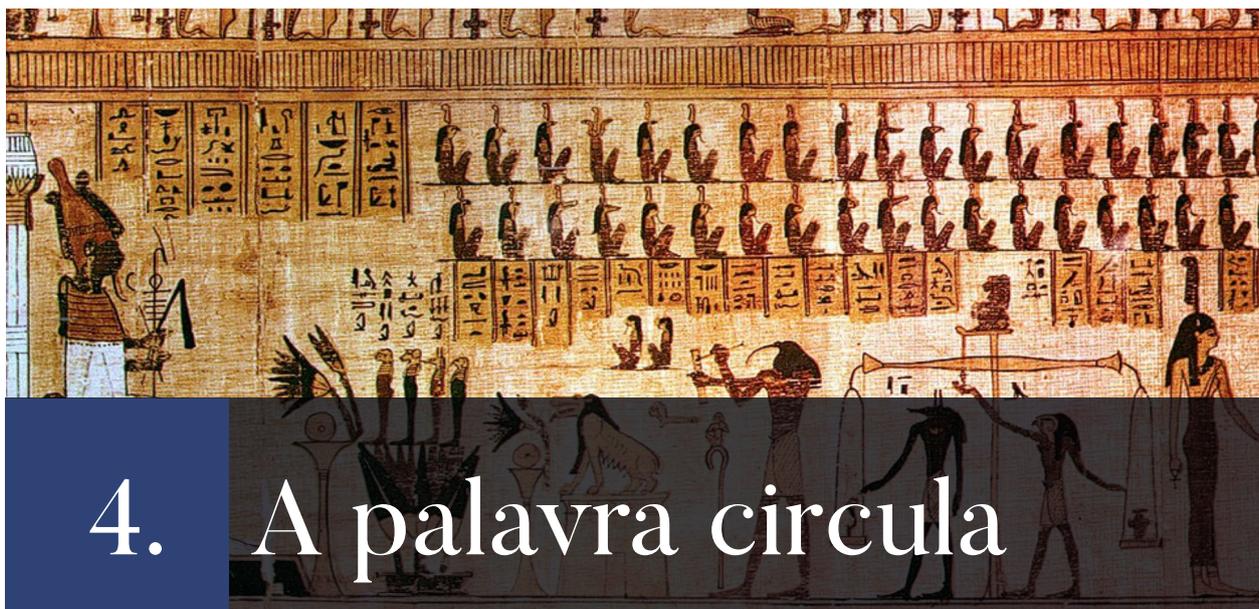
Em 2015, foi confiada à Grande Loja Simbólica de Portugal a Carta Patente da Maçonaria Simbólica pelo Grande Oriente de França, nomeadamente o Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Misraim. Mais recentemente, também nos foi confiado o Rito Escocês Antigo e Aceito em 2018 e o Rito Inglês (Emulação/ York) em 2019.

A Grande Loja Simbólica de Portugal é membro das principais Organizações Maçónicas Europeias e Mundiais



CLIPSAS





4. A palavra circula

Construir a Paz: Uma visão, pela Maçonaria Liberal e Adogmática

A Maçonaria é uma instituição secular em permanente evolução que contempla várias correntes e ritos, distinguindo-se entre si pelas tradições, símbolos e filosofias em que se baseiam.

Ao longo dos tempos a Maçonaria ramificou-se em várias correntes, sendo a Liberal e Adogmática uma delas, contrastando com outras correntes que podem ter uma abordagem mais tradicional.

Esta é essencialmente representada pelo Grande Oriente de França, reconhecido pela sua abordagem Liberal e Adogmática.

Pilares de uma construção

A construção da paz é um princípio essencial da Maçonaria Liberal e Adogmática. Valoriza a liberdade de pensamento, a tolerância e a fraternidade como pilares fundamentais para fomentar a paz em diferentes esferas da sociedade.

- **Livre Pensamento**

A liberdade de pensamento é um direito essencial na Maçonaria Liberal e Adogmática, proporcionando um ambiente de

respeito e aceitação de diversas perspetivas, fundamentais para um debate construtivo e a busca pela paz. Valorizando visões distintas, promove a aceitação de diversas crenças e valores, incentivando o livre pensamento para estimular o desenvolvimento pessoal e encontrar soluções pacíficas para conflitos. Estes princípios, vitais na busca pela paz, contribuem para um ambiente de respeito mútuo e estabelecem alicerces para a convivência harmoniosa na sociedade.

- **Tolerância**

A tolerância valoriza a diversidade e a aceitação das diferenças, sejam elas culturais, religiosas ou filosóficas. Agiliza a superação de conflitos, promove a compreensão e a convivência pacífica entre pessoas e grupos de origens distintas. É basilar na busca pela paz, serve como ferramenta para a convivência, valoriza e respeita as diferenças, fomenta o diálogo e busca pontos em comum.

Cultivar a tolerância, promove o diálogo e constrói um ambiente de paz, onde as divergências são enriquecedoras.

A tolerância é um pilar essencial na

construção de um mundo unido, solidário e pacífico.

- **Fraternidade**

A fraternidade é fundamental na Maçonaria. O sentimento de unidade e pertença a uma única família humana ajuda a cultivar a empatia e a compaixão, fundamentais para alcançar a paz.

Estabelece laços de união e compreensão entre todos, transcendendo diversidades culturais, religiosas e sociais.

A Maçonaria Liberal e Adogmática enfatiza a fraternidade como um ideal de união universal, em busca de um mundo mais justo e pacífico através do respeito mútuo e da cooperação.

Este conceito vai além da irmandade entre membros, pela construção de um ambiente propício à compreensão e aceitação das diferenças, incentivando o diálogo e resolução pacífica de conflitos.

O sentimento de unidade na família humana fomenta a empatia e a compaixão, fundamentais para alcançar a paz.

Desafios e Perspetivas Futuras

São diversos os desafios na promoção da paz.

A Maçonaria Liberal e Adogmática encara-os de formas específicas.

- Desde já, a intolerância. A Maçonaria busca promover a tolerância através do diálogo, da educação e do exemplo, enfatizando a aceitação das diferenças.
- A falta de compreensão entre culturas e crenças distintas, que a Maçonaria procura abordar estimulando o entendimento mútuo, incentivando o conhecimento e o respeito por diferentes visões do mundo.
- Os desafios colocados pelas desigualdades sociais e económicas, sobre os quais a Maçonaria realiza ações de promoção educacionais ou filantrópicas.
- O extremismo ideológico é um obs-

táculo na busca pela paz. A Maçonaria promove a liberdade de pensamento e a tolerância, em oposição a visões fechadas e dogmáticas.

Conclusão

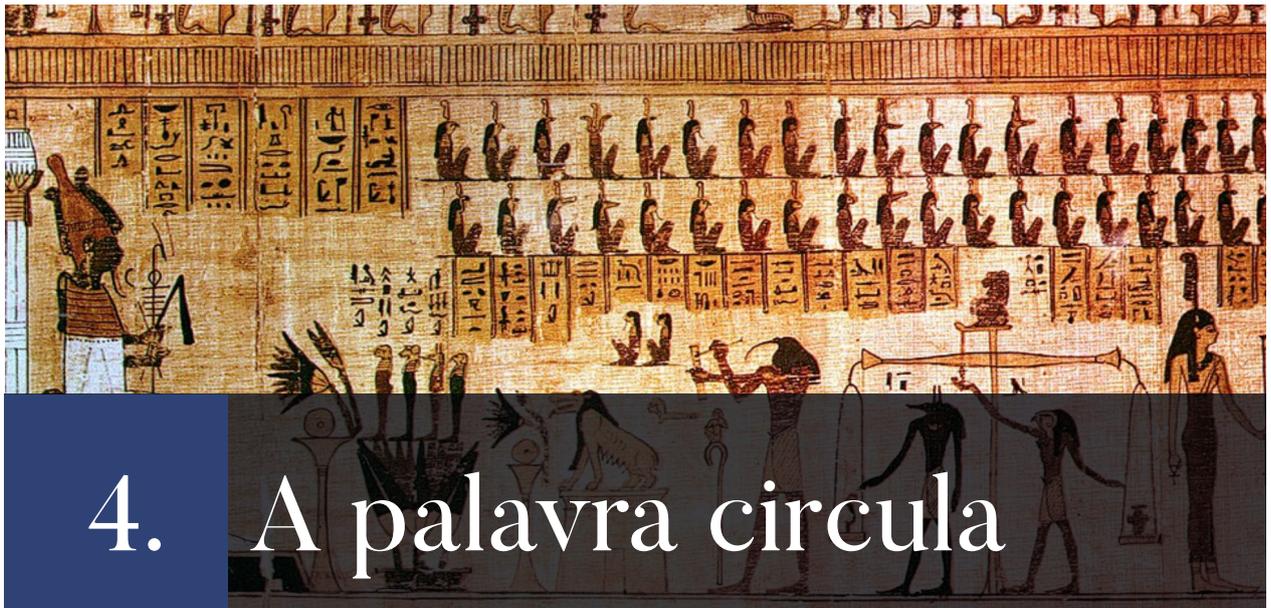
O compromisso da Maçonaria Liberal e Adogmática em construir um mundo mais pacífico permanece como um farol de esperança entre os desafios contemporâneos.

A Obra de Arquitetura Maçónica nunca está completa. Porém, os alicerces que a sustentam são fundamentais no caminho a percorrer e consolidam as ações empreendidas.

No passado, no presente e no futuro que se pretende mais fraterno, igualitário, livre e tolerante. Uma sociedade onde prevaleçam valores éticos, humanistas e de respeito mútuo entre todos os seres humanos, independentemente das suas diferenças.

Disse,
N.º.F.º





4. A palavra circula

Diálogo e Cooperação

As três espécies de morcegos vampiros da América do sul do vivem em colónias numerosas e sobrevivem graças à estreita cooperação dos seus membros. As crias desenvolvem-se juntas num ninho comum e cada mãe que chega com alimento (sangue) distribui equitativamente por todos os filhotes. E os morcegos adultos também partilham sangue entre si quando um elemento volta para a caverna sem ter encontrado alimento.

O rato-toupeira-nu é um extraordinário pequeno mamífero que vive em grandes comunidades subterrâneas na África oriental. Com um comportamento semelhante às formigas cada membro tem a sua função e funcionam como se todos fossem comandados por um único cérebro. Ao estudar esta espécie de características únicas uma particularidade confundiu os biólogos. Alguns membros da comunidade não contribuíam em nada no funcionamento da colónia. Só estavam quietos e engordavam com a comida que os “operários” lhes traziam. Porque motivo havia uns ratos ? Uns ratos muito mais gordos que os restantes que a única actividade era comer. Na época da chuva os cientistas perceberam a missão destes roedores aparentemente inúteis. Quando começava a chover eles subiam pelos túneis até às entradas à superfície e enta-

lavam-se como rolhas para impedir que a água entrasse, salvando toda a comunidade de morrer afogada.

Existem inúmeros outros exemplos no reino animal de cooperação e altruísmo fundamental para a sobrevivência do grupo, da comunidade, da espécie.

E o homem? Pináculo da evolução, ser senciante, pensante, falante. Que que se organiza em civil se separa em grupos, por motivos tribais, culturais, geográficos ou religiosos. Que linhas imaginárias que separam regiões do planeta fazem a separação entre “nós” e “os outros” que se desumanizam os segundos e se tornam inimigos? Que crenças sobrenaturais diferentes tornam “os outros” seres inferiores e validam serem conquistados e massacrados? Sempre foi assim, desde que os registos históricos nos permitem saber.

Na primeira obra literária conhecida da história da humanidade – A Epopeia de Gilgamesh – quando a deusa Aruru criou Enkidu, na sua descrição lê-se “Tem em si a virtude de Ninurta, o deus da guerra.”

Em 2021, o presidente chinês, Xi Jinping, enviou esta mensagem à Assembleia Geral da ONU. “As diferenças e problemas entre países devem ser resolvidos atra-

vés do diálogo e cooperação na base da igualdade e respeito mútuo. O sucesso de um país não deve significar insucesso para outro país. O mundo permite o desenvolvimento e o progresso de todos os países. Temos que privilegiar o diálogo e inclusão sobre o confronto e exclusão”.

Palavras sábias mas, lamentavelmente, utópicas. Facto sublinhado pelos confrontos incompreensíveis entre nações que actualmente testemunhamos.

Aprendemos, desde sempre, por questões práticas e de compreensão a dividir a realidade em partições. Dividimos, por simplicidade, o arco-íris em 7 cores mas dentro de cada uma existe uma infinidade de diferentes tons. Dividimos a evolução da nossa espécie em classificações e cronologia, Homo Habilis há 2 milhões de anos, o Homo Erectus há 1.8 milhões de anos, o Homo Sapiens há cerca de 200 mil anos. Necessário para compreendermos a evolução, mas uma visão distorcida da realidade. Uma espécie não surge num momento.

É um longo processo evolutivo, impossível de dizer quando uma se transformou na seguinte.

E continuamos a dividir todo o resto do nosso mundo em partições. Quando existe um conflito bélico, um lado necessariamente tem de ser “os bons” e o outro “os maus”. Uma visão a preto e branco. Mas o mundo não é assim. É cinzento. Se criticamos as acções de um lado, temos de defender o outro. Esta visão é uma barreira ao diálogo, ao entendimento, à busca de soluções efectivas. Somos capazes de mover montanhas com a força da solidariedade para ajudar uma pessoa próxima, sentimos a dor da injustiça sobre alguém que nos é querido ou que olhamos como semelhante. Mas falta uma parte do caminho. Sentirmos a mesma dor e a mesma solidariedade por qualquer outro ser humano, seja ele de que origem for, região ou crença. Seremos melhores pessoas, mais humanos, quando percebermos que toda a humanidade faz parte do “nós” e que não existem Homens que se considerem ser “os outros”.

“Mas o Senhor desceu para ver a cidade e a torre que construíram os filhos dos homens.

“Eis que são um só povo, disse Ele e falam uma só língua: se começam assim, nada futuramente os impedirá de executarem todos os seus empreendimentos.

Vamos: desçamos para lhes confundir a linguagem, de sorte que já não se compreendam um ao outro.”

Foi dali que o Senhor os dispersou daquele lugar pela face de toda a terra, e cessaram a construção da cidade.

Por isso deram-lhe o nome de Babel, porque ali o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra, e dali os dispersou sobre a face de toda a terra.

Génese 11: 5-9

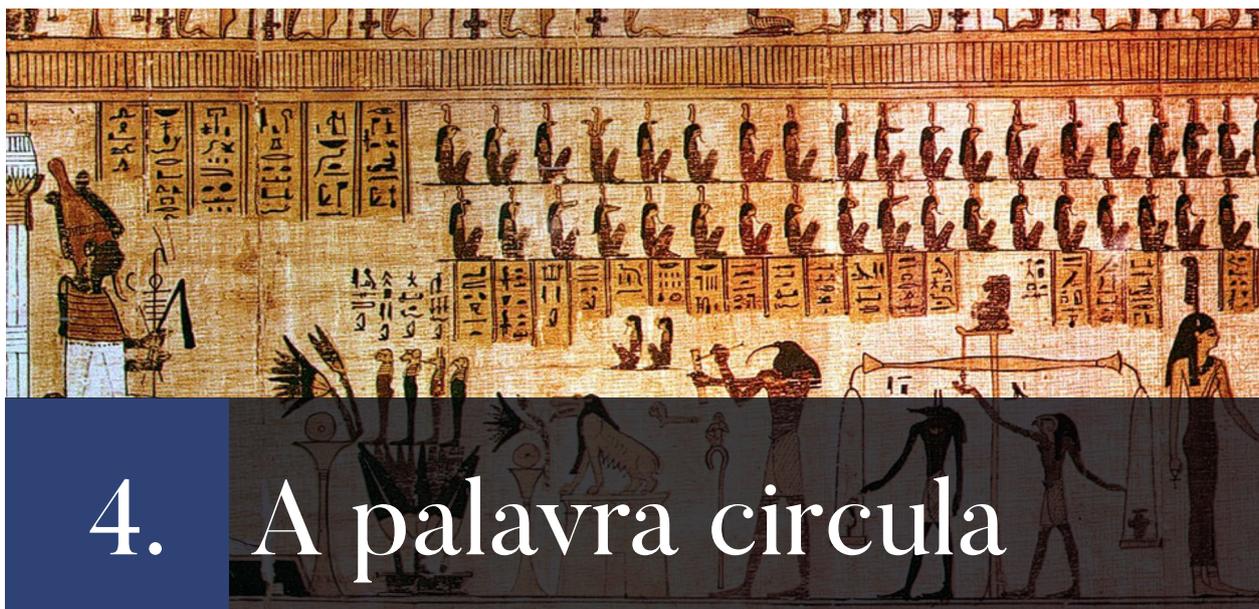
O mito da Torre de Babel revela como o Deus Abraâmico se sentiu ameaçado pela cooperação e comunicação entre os homens. De facto, do que a Humanidade precisa de evoluir, para sobreviver, é mesmo inverter este exemplo e iniciar uma era de diálogo e cooperação.

O privilégio de existirmos é imensurável. Tudo o que egoisticamente possuímos, todos os bens materiais são efémeros e serão possuídos e destruídos pelos que nos sobrevivem quando viajarmos para o Oriente Eterno. O que de eterno podemos deixar no mundo é o nosso legado de Liberdade, Igualdade e Fraternidade e como conseguimos influenciar o resto da Humanidade a adoptar estes valores.

“O facto de se estar vivo compensa aquilo que a vida faz a uma pessoa.”

Salman Rushdie

Gualdim Pais



4. A palavra circula

O que pode fazer a Franco-Maçonaria perante as Alterações Climáticas?

1-José Saramago proferiu as seguintes palavras, em Estocolmo, no dia 10 de Dezembro de 1998, quando recebeu o prémio Nobel da Literatura:

“(…) Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumpri-lo os Governos, porque não sabem, porque não podem, ou porque não querem. (...) Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Pensemos que nenhuns direitos humanos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem (...). Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra. Com a mesma veemência com que reivindicamos direitos, reivindicemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa tornar-se um pouco melhor (...)”.

À primeira vista estas palavras nenhuma relação têm com a grave situação das alterações climáticas.

No entanto, ao contrário do que parece, assentam-lhe como uma luva.

2- Em 1896 o químico sueco Svante Arrhenius fez pela primeira vez uma avaliação do impacto à escala global das emissões

de dióxido de carbono (CO₂) provocadas pela combustão de carvão.

Contudo, só a persistente subida das temperaturas médias globais durante as décadas de oitenta e noventa do século XX veio fomentar o interesse pelas investigações em torno da hipótese de alterações climáticas induzidas pela ação humana.

Apesar de tal eventualidade ter sido prevista por Svante Arrhenius no final do século XIX, apenas os três primeiros relatórios do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC, na sigla inglesa), constituído em 1988 no âmbito da ONU e da Organização Meteorológica Internacional, vieram tornar claramente consensual no seio da comunidade científica a magnitude das ameaças que enfrentamos nesse domínio.

Neste contexto, em 1992 é realizada no Rio de Janeiro a Conferência da ONU sobre ambiente e desenvolvimento, que ficou conhecida como Cimeira da Terra, onde foi adotada a Convenção Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas. Este foi o primeiro Tratado Internacional sobre o tema, sendo o seu obje-

tivo estabilizar as concentrações de gases com efeito de estufa a um nível que impedisse uma interferência humana perigosa sobre o sistema climático.

O antigo Vice-Presidente dos Estados Unidos da América, Al Gore, desenvolveu mais tarde (com alguma polémica, mas com resultados) uma campanha de sensibilização da opinião pública mundial para o problema do aquecimento global, através da publicação de livros, da realização de conferências e até de um filme visto por milhões de pessoas, em 2007, intitulado “Uma Verdade Inconveniente”. Seguiram-se, entre várias outras iniciativas internacionais no âmbito da ONU, o Protocolo de Quioto discutido e negociado no Japão em 1997, a Cimeira de Copenhaga realizada em 2009 na Dinamarca e posteriormente a Cimeira de Paris realizada em França em 2015.

A Cimeira de Paris estabeleceu como objetivos principais assegurar que o aumento da temperatura média global, até ao final do século XXI, fique abaixo de 2°C acima dos níveis pré-industriais e prosseguir os esforços para limitar o aumento da temperatura até 1,5°C acima dos níveis pré-industriais, o que reduziria significativamente os riscos e impactos das alterações climáticas. Por outro lado, aumentar a capacidade de adaptação aos impactos adversos das alterações climáticas.

As mais recentes Conferências das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas têm alcançado tímidos progressos em relação ao Acordo de Paris.

Existem dois tipos de respostas no combate às alterações climáticas: a mitigação e a adaptação.

A mitigação consiste em combater as causas das alterações climáticas antropogénicas e traduz-se em ações que visam estabilizar a concentração na atmosfera dos gases com efeito de estufa, através da limitação ou diminuição das emissões (como a diminuição dos consumos de energia fóssil e da produção de energia renovável: solar, eólica, geotérmica, das ondas, etc.) e do desenvolvimento de sumidouros desses gases (essencialmente

florestas e oceanos). Por sua vez, a adaptação é um processo de resposta em que se procuram minimizar os efeitos negativos dos impactos atuais e futuros das alterações climáticas, adaptando o ordenamento do território e o urbanismo, as práticas agrícolas, florestais e piscatórias, ou os cuidados de saúde, às novas realidades climáticas.

Em Portugal e por todo o Mundo esperam-se impactos significativos decorrentes das alterações climáticas, nomeadamente devido à subida do nível do mar, bem como à ocorrência de fenómenos meteorológicos extremos, como ondas de calor com temperaturas cada vez mais elevadas, aumento dos períodos de seca prolongada e de precipitação intensa e torrencial em curtos períodos de tempo, que contribuirão para a erosão e recuo da linha de costa, para a salinização dos recursos hídricos superficiais e subterrâneos, para a progressiva desertificação do território e para a ocorrência repentina de cheias e inundações nalguns locais.

As alterações climáticas são uma das maiores ameaças ambientais, sociais e económicas da atualidade.

3 - É necessário executar um combate urgente e consequente às alterações climáticas.

O planeta Terra e a humanidade enfrentam uma ameaça existencial direta e o mundo tem poucos anos para impedir o ponto de não retorno nas alterações climáticas e evitar consequências desastrosas.

É necessário que os líderes mundiais alterem as suas orientações políticas energéticas e ambientais e condenar a atual paralisia dominante perante as consequências desastrosas para os seres humanos e para os sistemas naturais da Terra que nos suportam a todos.

É necessário que toda a sociedade civil e os cidadãos tomem consciência deste gravíssimo problema e reclamem medidas urgentes e efetivas de combate às alterações climáticas dos poderes políticos, porque não se está a fazer o necessário, nem o suficiente, nem o possível.

É necessário que os poderes políticos a nível internacional tomem medidas urgentes e ambiciosas de descarbonização da economia, de mitigação e adaptação às alterações climáticas, antes que seja demasiado tarde.

É preciso agir, sob pena da total irreversibilidade das alterações climáticas no nosso planeta. O que está em causa é uma ameaça existencial e o maior desafio contemporâneo da Humanidade.

De acordo com a ONU, o mundo está longe de alcançar os objetivos estabelecidos no Acordo de Paris, metas que já eram minimalistas e que, segundo os especialistas, representam apenas um terço dos esforços necessários.

No ano de 2015, em Paris, os representantes de 195 países definiram como objetivo combater o aquecimento global e comprometeram-se a adotar medidas para que as temperaturas médias não superem este século em 2 graus Celsius ou, preferencialmente, em 1,5 graus Celsius, relativamente a níveis pré-industriais.

Existem incentivos morais e financeiros para atuar, mas falta liderança e um verdadeiro sentimento de urgência com respostas a nível global.

Segundo a ONU, são as nações mais ricas as maiores responsáveis pela crise climática e por isso mesmo têm um dever moral de ajudar através da diminuição das emissões e cedendo dinheiro e tecnologia aos países mais pobres, para enfrentar os efeitos das mudanças do clima.

Definir apenas os objetivos não é suficiente. É necessária ambição para os implementar.

Precisamos de uma nova revolução energética. A idade da pedra não acabou porque as pedras desapareceram do mundo. Não temos de esperar que o petróleo e o carvão acabem para acabar com a idade dos combustíveis fósseis.

O mundo está a sofrer avultadas perdas económicas como consequência das alterações climáticas, com elevados prejuízos causados por desastres naturais,

fenómenos meteorológicos extremos e problemas de saúde.

Para o ano de 2030 a perda de produtividade causada pelo aumento da temperatura média global poderá custar em termos económicos à escala planetária muitos milhares de milhões de dólares. As alterações climáticas estão a desenvolver-se mais rapidamente do que as ações para as combater.

Precisamos de nos afastar urgentemente da nossa dependência dos combustíveis fósseis e fazer uma verdadeira transição energética.

Hoje já não é possível, com honestidade intelectual, negar o consenso generalizado da comunidade científica internacional de que as atuais alterações climáticas a que estamos a assistir são causadas por ações com origem humana.

Este consenso científico incorpora várias áreas do conhecimento e inclui milhares de cientistas de todo o mundo.

Existe um aquecimento inequívoco do planeta medido cientificamente.

A emissão de gases com efeito de estufa com origem antropogénica (através da ação do homem), sendo o mais significativo o dióxido de carbono, é cientificamente a principal razão para este aquecimento global e provém maioritariamente do uso de combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás natural), mas também de outras fontes como a desflorestação e a agropecuária.

Os últimos relatórios do IPCC (Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas) comprovam estas conclusões científicas.

O aquecimento global está a modificar radicalmente os vários tipos de climas existentes no nosso planeta, produzindo impactos profundos e graves nos ecossistemas naturais e na sociedade humana.

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, mais conhecido por IPCC (sigla inglesa que abrevia Intergo-

vernmental Panel on Climate Change) é uma organização científica criada no âmbito da ONU e que integra 195 países como membros, contando com a colaboração de milhares de cientistas em todo o mundo, tem alertado para a urgência da adoção de medidas no combate ao aquecimento global, sendo de extrema importância a sensibilização e mobilização de todos os setores da sociedade.

Simultaneamente, continuamos a assistir à propaganda de alguns grupos organizados, ligados a poderosos interesses económicos, que visam favorecer a desinformação, tentando credibilizar e favorecer ideias políticas e económicas que têm como objetivo neutralizar as ações que visam a estabilização climática do planeta (como a descarbonização da economia) e negar que as ações humanas possam provocar alterações climáticas.

Estas narrativas negacionistas e cientificamente infundadas têm como único objetivo a criação de dúvidas sobre o aquecimento global e a defesa intransigente da continuação de opções políticas energéticas baseadas nos combustíveis fósseis.

4- Os valores éticos estão na origem e constituem a base da democracia. A democracia é uma opção ética e um processo de conquista incessante da razão e da liberdade.

A democracia para subsistir deve criar permanentemente as condições éticas que lhe deram origem, dado que está em evolução e construção permanente, nunca estando consumada, nem consolidada em fronteiras definitivas e incontestáveis.

A democracia depende da prática da cidadania e do envolvimento dos cidadãos nos seus valores. Por essa razão, é fundamental a ampliação da noção de cidadania de modo a que esta considere também o conceito de responsabilidade.

Neste aspeto a questão ambiental tem sido crucial para o enriquecimento da cidadania. Se aceitarmos que a natureza

tem direitos e valores intrínsecos, então as pessoas terão deveres para com a natureza e para com a sociedade. Os direitos da natureza e o seu valor intrínseco poderão constituir a génese de uma responsabilidade coletiva para com a natureza.

Sem cair no sacrifício da liberdade contido na igualdade biótica de algumas correntes da ecologia profunda (deep ecology), impõe-se estabelecermos relações éticas com os seres vivos e os ecossistemas por sermos seres axiológicos e de cultura (e não apesar de termos essa característica).

A ética ambiental pode ser encarada como uma designação da ética da liberdade. A reatualização do imperativo categórico kantiano, realizada por Hans Jonas, não renega uma ética de liberdade: «Age de tal modo que as consequências da tua acção sejam compatíveis com a permanência de vida humana autêntica sobre a Terra». Antes pelo contrário. A ética da liberdade só poderá realizar-se mantendo as condições de continuidade da vida humana e biosfera no seu conjunto.

A ética ambiental abre uma nova concepção de humanismo, onde liberdade e responsabilidade se relacionam, construindo o limite regulador de uma praxis ética, política e económica sustentável.

Deste modo, a ética ambiental, sendo uma ética da liberdade, é inseparável dos valores da cidadania e consequentemente da democracia.

5- A Maçonaria é “uma Ordem iniciática e ritualista, universal e fraterna, filosófica e progressista, baseada no livre-pensamento e na tolerância, que tem por objetivo o desenvolvimento espiritual do homem com vista à edificação de uma sociedade mais livre, justa e igualitária”

(António Arnaut, Introdução à Maçonaria, p. 17).

A Franco-Maçonaria sempre trabalhou para o bem da Humanidade, não aceitando dogmas, intolerância, sectarismos e a ignorância, no respeito pela sua tradicional

divisa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. A Maçonaria hoje deve manter-se sempre na linha da frente na defesa dos Direitos Humanos, da tolerância, da democracia, da natureza, do ambiente e na luta contra as alterações climáticas.

A Maçonaria deve afastar-se das lutas político-partidárias, mas sem nunca deixar de contribuir ativamente para o progresso da Humanidade, lutar pela justiça social através da elevação moral e espiritual de cada um, praticando a tolerância e respeitando a liberdade absoluta de consciência política e religiosa.

Por estas razões “a Maçonaria é um humanismo: sempre esteve, e deve continuar a estar, ao serviço do aperfeiçoamento moral e intelectual do homem para a construção de uma sociedade melhor”

(António Arnaut, Introdução à Maçonaria, p. 73).

A Maçonaria esteve sempre na primeira linha de defesa dos Direitos Humanos, na primeira linha de defesa dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos.

A Maçonaria sempre defendeu com força e vigor os princípios da Justiça, da ética e da virtude: lutou pela abolição da escravatura e pela abolição da pena de morte; bateu-se contra a limitação e violação dos Direitos Humanos nas ditaduras; lutou pela instauração do Estado de Direito e pela Democracia; sempre se empenhou na realização da Justiça e pelo fim de leis injustas.

Em suma, a Maçonaria é essencial à promoção dos valores da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade, da Democracia e na defesa dos Direitos Humanos.

O direito ao ambiente e à qualidade de vida são direitos humanos fundamentais. Tendo em conta o estado de emergência climática que vivemos e os graves atentados ambientais que são frequentemente praticados em todo o mundo, a Maçonaria tem o dever de prestar atenção a esta importante e vital temática e de intervir sempre que se justifique em defesa deste direito fundamental dos cidadãos, que é o direito ao ambiente e à qualidade de vida e contribuir no combate contra as alterações climáticas.

Daniel .`. Boone .`.

GRANDE LOJA
SIMBÓLICA DE PORTUGAL
MAÇONARIA PORTUGUESA





5. Ágape

De como Abu Bakar Rouaff perfumou o nariz de Hadiq

Parte III

Hadiq, gemia de ardor, fugia do amarelo vivo do metal e dos olhos irados do ferrador para a rua e toda a gente que se aproximou pôs nele os olhos... O vapor do esterco que lhe escorria dos braços, inundou os narizes dos passantes e os seus olhos repugnados abriram-se em absoluto horror. Almzaraa era uma terra de gente trabalhadora e humilde, mas ninguém se marinava em estrumes. Hadiq de olhos fechados e dentes cerrados a tentar libertar-se do queimor e aturdido com a plateia que lhe bradava impropérios, sorria. Cambaleante desceu para o rio ali junto, pisoteando a lama revolta dos barcos de pesca e atascando-se no cheiro de peixes há muito mortos. Com as pressas e o turbilhão de vozes acusadoras, caiu na água e levantou-se mais sujo do que entrou e correu pelo pó da rua fora para a sua casa, despido de roupas, calçado e vestido de lodo e fedor, mas depois, antes de entrar casa imaginando os olhos sérios do pai, calado, refugiou-se nos tanques e nas peles e se deixou bater pelo cansaço.

O dia chegou e com ele a aflição da mãe e do pai que o procuravam, encontraram

Hadiq exausto, imundo, tremendo e o beijaram de alívio e recolheram a casa. Limpam-no com amor e ligaram-lhe a mão com panos e azeite e explicaram-lhe depois, que a razão para o esgar dos passantes, era o cheiro insuportável que os obrigava a afastar-se enojados. Falaram-lhe repetidamente que era o cheiro, o mau cheiro que exalava, que tudo tinha cheiro e que mesmo o mundo tinha cheiros. E que as cores mais bonitas do mundo tinham os cheiros mais vivos e bons e as repugnâncias medonhas iguais cheiros maus e, portanto, carregavam as piores cores.

Hadiq não pecebeu, não entendeu nada... A chuva cinzenta que cor de cheiro teria? As pedras? O chão, o pó, que cheiro? As pedras negras do almzaraa, cheiravam a quê? O som do trovão medonho cheiraria mal? O vermelho do sangue que cheiro trazia? Para ele, falar de cheiro era impossível. Não havia tal coisa. Só via cores e eram todas boas e sentia todos os rigores das coisas em que tocava. E gostava de correr para o rio e ver as pessoas passar e imaginar quimeras. Mas nunca imaginara cheiros, nem poderia.

Sentiu-se logo ali inferior. Os outros eram melhores porque sabiam algo que ele desconhecia. Desconhecia também porque motivo não podia ser igual a todos eles.

Nos dias seguintes não tocou nas lãs nem sorriu enamorado para a mãe, nem assentou os cotovelos no chão a olhar o pai que fazia mais sapatos, nem mergulhou nos tanques fétidos de curtimenta, nem desceu ao grande rio que cheirava a peixe podre, nem voltou para ver o ferreiro e os cavalos no estábulo que cheirava a esterco.

Hadiq entristecera. O seu reino fora devassado. Era inconcebível o dia de Sol sem alegria e o redondo luar das noites, aquele lume branco não lhe trazia sono. Teria o céu um perfume também?

Que cheiro tinha o amor da mãe? Que cheiro teria o silêncio do pai, enquanto fazia sapatos? Ele queria tanto saber, mas na garganta só a angústia de não poder. Já adivinhava, claro, que os sonhos teriam para todos os outros meninos um cheiro, e os sentimentos, e a luz do Sol, e da Lua, e os meses do ano. E para ele não. Nem se atrevia a perguntar.

Este tormento de Hadiq abandonava-o a uma dor maior que a do ferro quente. Os dedos queimados curaram-se com beijos, segredos ditos pela boca da mãe às mãos, que o aliviaram como uma fórmula mágica. Por dentro, porém, acometera-lhe uma forte febre que todos os dias lhe trazia frios e tons cada vez mais cinzentos à pele. Também as cores para os olhos de Hadiq brilhavam menos. O pai que mal falava, antes de sair, tocava-lhe na testa e deixava aparecer uma lágrima. Hadiq estava doente. E o ânimo saía devagarinho dele, como um perfume que se desvanece.

Passaram-se muitos dias e muitas noites. Veio a parteira com unguentos e o ferrador que sabia sobre ervas, trouxe um destilado. Hadiq dormia os dias todos e enroscava-se ao canto mais negro da casa. Comia migalhas, bebia pouco mais que gotas e não se sabia como melhoraria. A mãe chorava e os seus olhos azuis ficaram da cor das nuvens.

Um dia, o pai pegou nalguns sapatos com bico retorcido, dos melhores que alguma vez fizera, o seu tesouro, atou-os aos ombros com uma corda feita de pedacinhos de peles em trança e despediu-se da mãe dizendo que ia procurar ajuda para o menino. O pai, que falava pouco, disse o que bastou para os olhos azuis da mãe se encherem de esperança outra vez.

A mãe passou a mão pela testa em chamas de Hadiq, com a ternura de uma seda limpa e nobre.

Hadiq estava a lutar contra uma dor de fora e contra um veneno de dentro. O cheiro era a tortura que lhe toldava os pensamentos. Queria e sabia que se pudesse ao menos cheirar uma vez que fosse, poderia ficar bem. Tentara tudo. Desistira. O Sol e a Lua que espreitavam, sucedendo um ao outro, não o viam há muito tempo.

Ninguém em Almzaraa alguma vez já tinha ouvido falar de uma doença tão grave e depressa se afastaram do pai e da mãe com medo que pudesse haver um contágio. Falavam de expulsá-los da vila e começavam a ficar todos de acordo. O medo reinava, já não era Hadiq. No rio deixou de haver tanta gente. A situação da peste de Almzaraa, era já conhecida e já havia menos peixes e cores. As tâmaras doces eram menos, e o azeite não escorria do lagar para os cântaros. As pessoas não queriam arriscar a cruzar-se umas com as outras. Nem mesmo a sorrir umas para as outras.

Hadiq entardecia depressa e o Outono trouxe fúria ao rio.

O pai não voltara ainda, até que no dia mais pequeno do ano, se aproximou uma bizarra figura de Almzaraa. Na verdade chegaram ali um conjunto de figuras. Um homem, um camelo e uma carreta enfeitada com panos e luzes presas dentro de vidros. Em cima da carreta que o camelo puxava sem esforço, outro homem com as suas barbas aparadas, com as suas vestes negras, debruadas a fios de ouro parecendo um navio com as velas escuras augúrio de sorte que toda a gente conhece. Subiram a rua estreita e longa que

desaguava no grande rio, vindos do Sul, neste estranho cortejo,

O pai caminhava atrás, em silêncio olhando o ritmo certo e cansado dos pés no caminho. Lá à frente, vago e ondulante, Tarik puxava a carreta cheia de frasquinhos de tamanhos e formas variados, que continham líquidos de múltiplas cores, uns mais fluídos e outros mais pastosos, alguns tremeluziam e outros negros pintando o frasco de medo. Havia panelas e almofarizes, tinturas e pozinhos finos, martelos, pipetas, frascos vazios e frascos aparentemente vazios, baús, sacos de folhas secas, prateleiras cheias de raízes, ramos frescas penduradas numa corda a secar, um talismã com pedras preciosas embutidas numa rodela de metal dourado, pedras preciosas do tamanho de grãos de areia que cintilavam dentro de caixinhas nacaradas, um candelabro de sete braços, lascas de cal de várias cores, peles de animais, uma espada ondulante, metais brilhantes que emitiam luz própria, alicates e tenazes, um fole grande e um pequeno e um cadinho pequeno, e uma forja, pelo menos um alambique, uma bolsa com dentes, um tacho com fundo preto, uma colher e um garfo e um conjunto de facas de vários tamanhos

e formatos. Agulhas de coser e dedais. Luvas e proteções e tapadeiras para os olhos. Vasos de barro, fivelas e couros de animais extintos, um esquadro, um compasso e uma régua. Procurando podia encontrar-se escamas de peixes voadores. Havia também uma tenda e uns panos grossos, umas casacas e alguma lenha. Havia paus e pedras, alguns chapéus e uma corda grossa. Uns fios envoltos em cera pura, um cachimbo de madeira de sândalo. Havia estas coisas que o pai distinguia perfeitamente e outras que nunca tinha visto, nem lhes sabia o nome, mas de certeza não serviam para fazer sapatos. A carreta latejava, rangia e prometia que se desmontava a cada passada do gigante Tarik, o camelo, fiel companheiro de Abu Bakar Rouaff, fabricante famosíssimo dos melhores perfumes, convidado de reis e encantador de donzelas, versado na antiga arte de extrair das flores, das plantas e de todos os objectos visíveis e invisíveis, inertes ou não, o melhor e mais puro aroma. A carreta protestava, mas seguia caminho, atrás do camelo, vincando os sulcos mais profundos que as 4 pequenas rodas, mas largas, permitiam.

Liszt, 2021
CONTINUA

GRANDE LOJA
SIMBÓLICA DE PORTUGAL
MACONARIA PORTUGUESA





GRAND ORIENT DE FRANCE

Cartas-Patente do Grande Oriente de França

O Grande Oriente de França é a Obediência Maçônica mais antiga e importante da Europa Continental. Com início em 1728, o Grande Oriente de França é hoje a maior Obediência Maçônica liberal. O G.:O.:D.:F.: oferece um caminho humanista, iniciático e fraterno, sendo também um dever para os maçons refletir sobre os problemas da sociedade e sobre as questões da Humanidade.

O Grande Oriente de França confiou à Grande Loja Simbólica de Portugal as Cartas Patentes da Maçonaria Simbólica: o Rito Antigo e Primitivo de Memphis-Misraim em 2015, o Rito Escocês Antigo e Aceite em 2018, o Rito Inglês (Emulação/York) em 2019; e legitimou a Grande Loja Simbólica de Portugal na prática corrente destes três Ritos.

**Com o apoio e legitimidade do Grande Oriente de França,
a Grande Loja Simbólica de Portugal é uma Obediência
Maçônica Portuguesa, que segue a corrente da Ordem Liberal,
Adogmática e Europeísta.**

EQUINÓCIO



GRANDE LOJA
SIMBÓLICA DE PORTUGAL
MAÇONARIA PORTUGUESA
